

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED
CURSO DE JORNALISMO

JHYENNE YARA GOMES SANTANA

O RAP DELAS: A REPRESENTAÇÃO DO RAP FEMININO E PRETO NA MÍDIA

UBERLÂNDIA, MINAS GERAIS

2018

JHYENNE YARA GOMES SANTANA

O RAP DELAS: A REPRESENTAÇÃO DO RAP FEMININO E PRETO NA MÍDIA

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Ivanise Hilbig de Andrade.
Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Adriana Omena Santos

UBERLÂNDIA, MINAS GERAIS

2018

JHYENNE YARA GOMES SANTANA

O RAP DELAS: A REPRESENTAÇÃO DO RAP FEMININO E PRETO NA MÍDIA

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª Ivanise Hilbig de Andrade – UFU
Orientadora

Prof. Dr. Gerson de Sousa - UFU
Examinador

Prof^ª. Dr^ª Cintia Camargo Vianna
Examinadora

Uberlândia, 12 de dezembro de 2018

Até meu jeito é o dela
Amor cego, escutando com o coração a luz do peito dela
Descreve o efeito dela, breve, intenso, imenso
Ao ponto de agradecer até os defeito dela
Esses dias achei na minha caligrafia tua letra
E as lágrima molha a caneta
Desafia, vai dar mó treta
Quando disser que vi Deus
Ele era uma mulher preta
“Mãe”- Emicida

AGRADECIMENTOS

Nos últimos quatro anos aprendi a necessidade de ocupar todos os espaços. Entendi, em um processo muito doloroso, que enquanto mulher, preta, pobre e cotista, ainda assim sou uma mulher de privilégios. Poucos de nós conseguiram sustento para terminar os estudos, poucos de nós conseguiram entrar em uma universidade pública. Decidi então, fazer da minha graduação em Jornalismo um espaço de resistência e uma oportunidade para levar mais dos meus para dentro dos portões da universidade. Entendi que sempre foi e sempre será nós por nós.

Sou grata por nesses quatro anos ter encontrado a Educomunicação. Com ela, aprendi a necessidade do escutar, de se doar, e do trabalho em equipe. Aprendi a necessidade da popularização e da socialização do conhecimento e, por isso, concluo esse meu ciclo na academia escrevendo sobre mulheres pretas e sobre uma das mais potentes formas de expressão da comunidade periférica e preta do Brasil: o RAP. Escrevo, não com a pretensão de ser detentora de algum saber, escrevo com o anseio e com a urgência de compreender e falar com aqueles que, tenho certeza, irão ocupar todos os lugares que historicamente nos foram negados. Escrevo essa monografia como um ato político.

Nesta caminhada encontrei pessoas fantásticas, que contribuíram para as minhas novas formas de pensar e agir. Meu eterno agradecimento ao PET CNX Educomunicação e a todos os petianos que nestes três anos em que participo, me apoiaram, me empurram, brigaram, mas principalmente, me deram a oportunidade de me entender, de não ter vergonha de ocupar os espaços e de me posicionar. A vocês serei eternamente grata.

Agradeço aos meus professores que possibilitarem o entendimento da profissão que decidi seguir, que nos mostraram a necessidade da ética, da compaixão, do compromisso e da verdade. Em especial à Prof.^a Diva Silva, por todo seu apoio e compaixão em tantos momentos nesta graduação e por ser defensora de Paulo Freire. Saio desta graduação mais crítica, mais consciente e sem dúvidas cheia de potência. Meus agradecimentos ao Prof. Gerson de Sousa. Sinto-me acolhida em nossas conversas e sou muito privilegiada de poder ser sua aluna. Não consigo descrever a emoção que é poder aprender com você, enquanto pesquisador, enquanto homem negro. Obrigada por compartilha seus conhecimentos. Tenho a certeza de que a formação crítica oferecida pelo curso de Jornalismo da UFU me preparou para exercer meu papel enquanto jornalista nestes tempos sombrios. Resistiremos!

Não sei o que seria de mim sem o apoio da Elaíny Carmona. Obrigada pelos momentos de debate, por se dispor a escutar minhas angustias e por estar sempre presente. Choramos e

rimos juntas e nesse processo começamos a entender o nosso papel nesta loucura de mundo. Eu te amo, gêmea, e serei eternamente grata por todos esses momentos.

Não poderia deixar de agradecer à Jéssica Ribeiro, Nadja Nobre, Juliana Izabel, Gabriela Luz e Lucas Daniel. Ao lado de vocês vivi as melhores experiências. Juntos produzimos o Cidade Leste, um dos meus maiores orgulhos e a concretização da paixão e do respeito por nossa profissão.

À Adriana Omena, todo meu amor e minha gratidão. Você me apoiou nos piores momentos desta graduação e nunca esquecerei disto. Obrigada pelos abraços nos momentos mais necessários, pelos puxões de orelhas, pelas conversas sinceras e por todo apoio. Te conheci enquanto professora e te levei para a vida como uma companheira. Você foi parte fundamental no meu crescimento e entendimento dos meus processos enquanto pesquisadora, ao me incentivar a pesquisar sobre o RAP e sobre mulheres e a defender a importância de minhas pesquisas. Foi a primeira pessoa a entender que não era mais preciso viver com a casca que construí durante toda minha vida e, graças a suas palavras, aprendi a voar.

Minha gratidão à Ivanise Andrade, professora e orientadora querida, por se dispor a nos acompanhar no processo de produção do Cidade Leste e desta pesquisa. Com você aprendi a não ter medo de defender meus ideais e a não ter medo de falar sobre o que desejam esconder. A ideia de que se o jornalismo não incomoda é porque não é jornalismo ficou muito mais potente após nossos encontros. Obrigada por todas as indagações e por todo o ensinamento.

Não poderia deixar de registrar meus eternos agradecimentos ao meu tio Marcos Antônio, que me apresentou o RAP quando eu era uma garotinha de oito anos. Foi por intermédio dele que conheci a primeira rapper, Andrea Felix, que anos mais tarde descobri ser uma pioneira do RAP em Uberlândia e que tive o prazer de conhecer e compartilhar algumas histórias.

Só estou aqui, escrevendo esses agradecimentos, graças ao apoio e ao sacrifício da minha família.

Mãe, obrigada por ser a mulher potente que tu é. Obrigada por seu amor, sua dedicação. Com você aprendi e compartilhei as dores de ser mulher, preta e pobre. Com a senhora aprendi que não existe um caminho predestinado e que cabia a mim criar o meu. Obrigada, mãe, por ser sempre a minha melhor amiga e por lamber minhas feridas. Peço perdão por meus erros e rezo, todos os dias, para que possamos seguir juntas pelo máximo de tempo possível.

Ao meu pai, que desde cedo me incentivou a estudar. Que me deu a liberdade para eu ser quem queria. Pai, tenho muito orgulho em saber que compartilhamos o ambiente acadêmico. Orgulho em te acompanhar nesse processo e de te ver ocupando a universidade

enquanto homem preto e pobre depois dos 40 anos de idade. Aos meus avós, que até hoje me dão colo nos momentos difíceis e que me oferecem as melhores conversas e os melhores cafés. E à tia Edivânia por sempre acreditar e me apoiar. Amo vocês!

À minha irmã por sempre me defender. À Laura Luiza, minha afilhada e à Alice, minha sobrinha. Vocês transformaram o mundo e me instigam a ser uma pessoa melhor a cada dia.

Meus agradecimentos a Bianca Alves, Otávio Augusto, Fabiana Fraga e Viviane Cação, amigas de longa data que acompanharam o meu desejo de entrar na universidade. Vivemos na pele o afastamento, cada um em seu próprio caminho. Mas, além as adversidades, sabemos da força de nossas amigadas. Vocês são minha base.

E ao Daniel, meu amigo e companheiro. Aprendo com você diariamente e, juntos, temos nos entendidos enquanto um casal preto nesta sociedade racista. Com você tenho aprendido que amar também é um ato de resistência e que juntos, somos mais fortes. Obrigada, por me apoiar, por me incentivar e por cuidar de mim. Escolhi ser sua companheira na vida e esta tem sido uma das melhores decisões. Te amo!

Escrever estes agradecimentos foi um momento doloroso. Revivi as dificuldades de ser cotista em uma universidade tão elitizada, de ter escolhido uma profissão tão desafiadora, revivi as dores físicas e emocionais ao tentar ocupar esses lugares que me foram negados. Mas, principalmente, revivi e recriei a minha rede de apoio. Eu, mulher preta e pobre, me formar em Jornalismo não é um exemplo de meritocracia. Só estou aqui por causa do sacrifício da minha família e por toda essa rede de apoio que não permitiu que eu desistisse.

Em tempos como estes também não posso deixar de lembrar que nos últimos 15 anos, pretos e pobres tiveram mais oportunidades de acesso às universidades, graças a programas sociais de governo. Não fizeram mais do que a obrigação, é verdade, mas nunca nos esqueceremos desses atos, pois, diariamente, tentam nos subjugar, nos humilhar e nos matar.

Lutaremos para continuar a ocupar esses lugares. Somos a maioria e resistimos.

*“Tanta ofensa, luta intensa nega a minha presença
Chega! Sou voz das nega que integra resistência”*

Drik Barbosa- Mandume

SANTANA, Jhyenne Yara G. **O RAP DELAS: A REPRESENTAÇÃO DO RAP FEMININO E PRETO NA MÍDIA.** 59 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

RESUMO

Esta pesquisa documental apresenta como objetivo a análise sobre a representação de rappers pretas na mídia. Para entender a forma como Karol Conka, Tássia Reis e Yzalú são representadas, foi utilizado o Método Dialético, que permite analisar os contextos, as contradições e a historicidade presentes na temática. Sendo assim, foi possível um aprofundamento nas discussões sobre o objeto de estudo, cujo tema se mostra como interseccional, considerando gênero, raça e classe. Através da análise de reportagens e entrevistas da Revista Trip, Estadão e Portal R7 no período de 2016-2017, buscou-se compreender como a mídia registra o histórico e as produções de tais artistas. A partir das discussões à luz do Método Dialético, chega-se à conclusão da necessidade de outro caminho, outra abordagem da mídia brasileira quando se fala de mulheres pretas no RAP.

PALAVRAS-CHAVE: RAP, Mulheres pretas, representação, mídia.

SANTANA, Jhyenne Yara G. **O RAP DELAS: A REPRESENTAÇÃO DO RAP FEMININO E PRETO NA MÍDIA.** 59 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

ABSTRACT

This documentary research presents an analysis of black rappers women's representation in media. In order to understand how Karol Conka, Tássia Reis and Yzalú are represented, it was used the Dialectical Method, which allows analyzing the contexts, the contradictions and historicity present in the thematic. Thus, it was possible to deepen the discussions about the object of study, a topic that is shown as intersectional, considering gender, race and class. Through the analysis of articles and interviews of Trip Magazine, Estadão and Portal R7, between 2016 and 2017, we sought to understand if media is faithful is to the history and productions of those artists. From the discussions in the light of the Dialectical Method, it's conclusive that another way, another approach of Brazilian media is needed when the subject is black women in RAP.

KEY WORDS: RAP, Black women, representation, media.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O RAP: BREVE HISTÓRICO NO PAÍS	14
2.1 A origem do RAP	14
2.2 O RAP no Brasil	17
3 MULHERES NO RAP	21
3.1 A representação das rappers pretas	22
3.2 Karol, Tássia e Yzalú	24
3.2.1 <i>Karol Conka</i>	24
3.2.2 <i>Tássia Reis</i>	25
3.2.3 <i>Yzalú</i>	26
3.2.4 <i>Semelhanças e diferenças entre as rappers</i>	27
4 AS CONTRADIÇÕES E A REPRESENTAÇÃO DA PRETITUDE FEMININA NO RAP...	29
4.1 Entrevista Karol Conka – Revista Trip	35
4.2 Entrevista Tássia Reis– Revista Trip	39
4.3 Entrevista Yzalú – Revista Trip	41
4.4 Entrevista Karol Conka – Estadão	43
4.5 Entrevista Tássia Reis – Estadão	47
4.6 Entrevista Yzalú – Portal R7	49
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	56
ANEXOS	58

1 INTRODUÇÃO

Desde a década de 1940, Abadias do Nascimento já questionava e se incomodava com a falta de representação do negro no protagonismo artístico, em especial no teatro brasileiro. Com a consolidação da televisão no Brasil, a realidade continuou a mesma. E, com o advento da internet e em tempo de reivindicações por representatividade na TV, na música, no cinema e em todo lugar, ainda se faz necessário questionar como é construída a representação das pessoas pretas¹ nesses espaços, que ainda segue uma estereotipação que não representa a maior parte da sociedade.

Especificamente no RAP, gênero musical que tem suas raízes na cultura negra, a construção dos sujeitos também segue esse caminho. O RAP nacional saiu um pouco das margens que seguia e conquistou espaço, mas a representação midiática ainda é sub representada, seja por suas origens ou pelas mensagens carregadas de referências e problematizações, incomuns na mídia tradicional. É interessante perceber a mudança que ocorreu no cenário do RAP desde o seu surgimento com nomes como Mv Bill, Racionais MC's e Fação Central até os dias atuais, onde surgem nomes como Criolo e Emicida. Mas, de lá para cá, um ponto ainda é comum, além de carregar o estigma que cerca o preto e pobre, o RAP torna-se um ambiente ainda mais hostil quando se fala em mulheres.

Para as mulheres que ousam se inserir e seguir seu caminho no RAP, a estrada para o reconhecimento é ainda maior e mais difícil. E, para galgar seus espaços na mídia, essas mulheres precisam se provar diversas vezes. Mas cabe lembrar que tais dificuldades não são específicas do RAP, elas são representações das relações sociais e culturais.

¹ Utilizamos o termo preto por uma questão política. Compreendo que se entender enquanto preta ou preto é a autoafirmação de uma identidade construída no coletivo. Concordamos com Stephanie Ribeiro, arquiteta e colunista quando diz: Nem todo negro é preto. E ser preto nessa sentença não é sobre COR, é sobre consciência racial COLETIVA. Texto “Nem todo negro é preto” disponível em: https://www.geledes.org.br/nem-todo-negro-e-preto/?utm_medium=ppc&utm_source=onesignal&utm_campaign=push&utm_content=onesignal

Silva (2015) constatou que a partir de 1992 o termo “preto” foi resgatado como um marcador identitário, enquanto se minimizava o emprego do termo “negro”, de natureza mais conceitual positivada pelo movimento negro e a academia. Percebe-se então, que no movimento do hip-hop, o termo “preto” era utilizado com frequência, como forma de exprimir familiaridade e intimidade.

Tendo como contexto esse gênero musical, e a representação midiática da mulher preta e rapper no Brasil chega-se às inquietações que levam a questionamentos acerca do modo que mídia brasileira aborda essas mulheres rappers, se a mídia é fiel ao discurso dessas mulheres e como essas mulheres são representadas.

Nesse período de estudo, percebeu-se que as relações de gênero e raça sempre estão implícitas nas pesquisas e relatos sobre o RAP, mas quase nunca são o ponto de partida para os questionamentos. Mesmo entendendo que o RAP não destoa das construções sociais da qual somos apresentados, ainda é estranho perceber que em mais de vinte anos de estudos sobre esse estilo musical aqui no Brasil, a abordagem preferida ainda consiste na análise do gênero musical sem considerar os sujeitos que criam e ressignificam o RAP.

Quando é levado em consideração o sujeito por trás da produção do RAP, a mulher é mais uma vez esquecida, seja pela predominância masculina, pelo provável preconceito velado e intrínseco na sociedade ou pelo ideal de mulher e artista que foi construído. Assim, o RAP é o contexto dessa pesquisa que se desdobra na temática da mulher, em específico da mulher preta. Essa temática tem se tornado muito cara, haja visto que cresce o interesse por conhecer mais sobre a situação das mulheres pretas em diversas áreas. Questões como construção de imagem e de representação e representatividade social e/ou midiática sempre permearam as minhas produções acadêmicas e é a partir dos estudos teóricos abordados no curso de comunicação que tal pesquisa se justifica inicialmente. Entender o papel da mídia na representação dessas artistas e seu papel enquanto validador do discurso apresentado é de grande valia social, midiática e profissional para o jornalista.

Cabe ainda considerar, em tal contexto, o papel das mídias como parte fundamental nas construções das representações destas mulheres. É exatamente neste ponto que a relevância social e acadêmica se converge e também justifica o trabalho ora apresentado.

De posse de tais reflexões foram selecionadas a obra e a representação de mulheres, pretas e rappers como universo para uma análise que considerasse, além do próprio objeto, as contradições presentes na temática. Assim, a proposta de pesquisa tem como objetivo geral analisar a representação da mulher preta e do RAP na mídia, a partir de reportagens sobre as rappers Karol Conka, Tássia Reis e Yzalú

Nos procedimentos metodológicos foi utilizado o Método Dialético para observar os dados coletados acerca das mulheres selecionadas que representam a diversidade dentro do mesmo gênero musical e constituem o *corpus* da pesquisa. Assim, foi a partir dessas três artistas

que se construiu a pesquisa. Karol Conka, 31 é rapper, compositora, produtora e apresentadora. Tássia Reis, 29, é rapper e compositora. Yzalú, 36, é rapper, compositora, violonista. Karol Conka com seu RAP / POP, Tássia Reis com sua mistura com o Jazz e Yzalú com sua “bossa que é treta”.

A monografia possui três capítulos, além da introdução e das considerações finais. No segundo capítulo são apresentadas breves considerações sobre a origem do RAP e seu desenvolvimento no Brasil. No terceiro capítulo, são desenvolvidas reflexões acerca das mulheres na RAP e apresentada breve descrição sobre as artistas Karol Conka, Tássia Reis e Yzalú. No quarto capítulo são apresentadas as análises acerca das contradições e representações da pretitude feminina no RAP, seguida das considerações finais e referências.

2 O RAP: BREVE HISTÓRICO NO PAÍS

2.1 A origem do RAP

Derivado da abreviação das palavras *rhythm and poetry* (ritmo e poesia), o RAP é um dos braços do movimento hip-hop, que também inclui a expressão artística a partir da dança (*break*), e as artes visuais (*graffite*).

O RAP tem origem na convergência de experiências e do momento histórico que vivia os Estados Unidos da América em meados de 1970. O país se encontrava em um momento pós-industrialização, que refletiu diretamente nas ofertas de trabalho, extinção de profissões e novas demandas. Neste período, a juventude preta e pobre era a mais atingida por todas as mudanças sociais e políticas. De acordo com Silva (2015), surge então, nas ruas do Bronx, bairro de periferia, uma movimentação cultural como resposta às dificuldades encontrada pela juventude, ao medo da perda dos direitos civis recém conquistados, o aumento do consumo de drogas e da violência e a territorialidade de gangues, que naquele momento se mostrava como a melhor alternativa para muitos jovens. Segundo Tricia Rose (1998), citada por Silva (2015), o hip-hop tentou negociar as condições da nova economia e tecnologia bem como as novas formas de opressão, gênero e classe na América urbana.

Como visto em diversos momentos durante a história, manifestações culturais aderem a performances e expressões de variadas culturas. Com o RAP não foi diferente. Na década de 1960, houve uma grande migração de latinos e caribenhos para os Estados Unidos (SILVA, 2015). O Bronx, como exemplo, era um dos muitos bairros de periferia com a população predominantemente negra e latino-caribenha. Essa fusão cultural teve influência direta nas múltiplas transformações que o RAP teve ao decorrer do tempo.

O jamaicano Clive Campbell, mais conhecido como Kool Herc é reconhecido como a principal influência para o surgimento do RAP. Clive se mudou para os Estados Unidos em 1967 e levou junto a si a experiência das festas ao ar livre e em espaços públicos, além de uma aparelhagem conhecida como *Sound System* (SILVA, 2015). O *Sound System* consiste em um par de *pick ups*, dois toca discos interligados, dois amplificadores e um microfone. O sistema, além de toda sua potência permite mobilidade da aparelhagem, facilitando a realização de festas em diversos locais.

O Bronx foi considerado “o berço da cultura hip-hop”, porque foi nesse espaço inaugural que jovens de origem afro-americana e caribenha reinventaram tradições culturais sem perder de vista os elos com a contemporaneidade. (SILVA, 2015, p. 43)

Além dos recursos tecnológicos, o RAP teve grande influência de tradições afro-americanas e afro-caribenhas, como a oralidade exposta pelos *griots*, que na cultura africana são aqueles responsáveis por transmitir a cultura de um povo através da fala.

Grand Master Flash foi um dos expoentes da primeira fase do RAP. O DJ foi o responsável pela introdução do *scratch*, técnica que consiste em “arranhar” o disco, em um movimento para frente e para trás repetidas vezes, produzindo uma sonoridade inédita até então. Ele também criou o *back to back*, ato de extrair um trecho da melodia e repeti-la diversas vezes (SILVA, 2015). Neste período, os Dj’s eram a grande estrela das festas urbanas. Em constante evolução, surge os (*Master of Ceremony*), mestre de cerimônia em tradução livre, ou como ficaram mais conhecidos, os Mc’s. Eles eram os responsáveis por animar as festas e apresentar seus Dj’s. Atualmente, os Mc’s são aqueles que improvisam letras de RAP a partir de uma batida. Os Dj’s se apropriaram de todo o aparato tecnológico que surgia, enquanto os Mc’s representavam a tradição africana de contar histórias.

Nas décadas de 1970 e 1980, a territorialidade era pungente nas periferias dos Estados Unidos. E essa territorialidade refletia nas construções dos grupos que surgiam e os Dj’s competiam para conquistar todo o público de sua região. Nesta época, surge outro expoente do movimento, o Africa Bambaataa, precursor ao introduzir sintetizadores nas músicas de RAP, a partir de influências alemã.

Com a disseminação do RAP, e a introdução nas *block parties*, que eram festas espontâneas que aconteciam desde a década de 1950, as rixas territoriais começaram a sumir. Os Dj’s gravavam suas músicas ao vivo em fita, que era distribuída e vendidas nas ruas, ultrapassando as fronteiras. Nesta época, o RAP ainda se encontrava no “*underground*” sendo conhecido por um público muito específico. Isso muda um pouco com a gravação do primeiro disco de RAP.

Segundo Silva (2015), o primeiro registro fonográfico desse movimento foi o *Rapper’s Delight* (1979) do grupo Sugarhill Gang. As vendas do álbum surpreenderam, chegando a 2 milhões de cópias vendidas, o que permitiu um status comercial ao gênero musical.

Segundo o autor, em 1982 Grand Master Flash and the Furious Five gravam o “*The Message*”, que representava o começo de um movimento onde as letras de música refletiam as

situações cotidianas e a realidade das periferias. O RAP até aqui é conhecido como o *old school*. Uma nova fase surge com o primeiro álbum do grupo Public Enemy, que traz um forte discurso político em suas letras e referências a personalidades e ativistas negros importantes para a história recente como Malcolm X e Martin Luther King.

É possível perceber com este breve relato que o surgimento do RAP está diretamente ligado ao cenário político-social dos Estados Unidos da década de 1970, como afirma Rose (1998) citada por Silva (2015). No período pós-industrial, muitos empregos se tornaram obsoletos, levando a uma alta taxa de desemprego, e novas exigências e qualificações profissionais surgiram. O período também conhecido como Reagan/Bush foi uma época de redução de fundos federais para a área social, afetando principalmente a parte pobre da sociedade. Com tantos obstáculos, a rua se tornou o espaço para muitos. As gangues se tornaram a melhor oportunidade para jovens desempregados e sem perspectivas de conseguirem emplacar uma nova carreira, o consumo de drogas e o aumento da violência também fora consequências das políticas sociais do governo americano.

O que a princípio surge como uma manifestação cultural, com o intuito de reunir a comunidade, o RAP toma a dianteira nas denúncias que relatavam a falta do poder público, os preconceitos, e a realidade daquela sociedade. Em “*The Message*” de Grand Master Flash and The Furious Five, a denúncia apresenta²: *É como uma selva, por vezes, isso me faz pensar / Como é que consigo aturar / Vidro quebrado por toda parte / Gente mijando na escadaria, simplesmente não tão nem aí / Eu não aguento o cheiro, não suporto o barulho / Não tenho grana pra me mudar, acho que não tenho escolha / Ratos na sala da frente, baratas na de trás / Um drogado, em um beco com um taco de beisebol / Eu tentei fugir, mas não pude ir muito longe / Porque o cara do reboque, guinchou meu carro* (tradução nossa).

Visto com maus olhos por muito tempo, o RAP é uma representação da realidade periférica e é também uma ferramenta política que desde o início tem cumprido um papel de servir como denunciante das mazelas da periferia e usado como ferramenta para falar de sonhos, medos e anseios.

² *It's like a jungle sometimes, it makes me wonder How I keep from goin' under / Broken glass everywhere / People pissing on the stairs, you know they just don't care / I can't take the smell, I can't take the noise / Got no money to move out, I guess I got no choice / Rats in the front room, roaches in the back / Junkie's in the alley with a baseball bat / I tried to get away, but I couldn't get far / Cause the man with the tow-truck repossessed my car.* (tradução livre)

2.2 O RAP no Brasil

A crescente do movimento do hip-hop no Brasil não se diferencia em muito da sua origem nos Estados Unidos. A juventude preta e pobre brasileira também passava por um momento de desalento no final da década de 1980, com um alto número de desemprego, taxa de criminalidade em crescente e potencialidade das mazelas sociais e raciais que atingem aqueles que vivem às margens.

Nas décadas de 1960 e 1970, o ponto de encontro da juventude periférica e principalmente preta acontecia nos bailes *blacks*. Esses bailes começaram como pequenas festas organizada por grupos de amigos, onde o ritmo que tomava conta da noite eram as referências da *black music* americana, como James Brown, Barrie White e outros (SILVA, 2015). O local de encontro, trocas, diversão e paquera da juventude, que se reuniam para ouvir a *black music* americana, também abriu espaço para nomes nacionais como Tim Maia, Toni Tornado e Jorge Ben. Os bailes *blacks* foram essenciais para a disseminação do RAP em São Paulo. Eram lá que os clássicos do RAP norte-americano tinham vez, mesmo que naquela época não associavam as músicas com o estilo do RAP. Nessas festas, também eram realizados concursos de banda, o que atraía a participação de novos grupos (SILVA, 2015, p.71)

O autor recorda que a princípio, os bailes *black* não tinham relação direta com o movimento do hip-hop no Brasil, mas, nos anos seguintes, foram os organizadores dos bailes que possibilitaram a produção de discos de RAP, a partir das chamadas gravações independentes.

O que começou com pequenas festas realizada por amigos, logo os bailes *black* se espalharam e tomaram grandes proporções. A Chic Show foi a primeira a possuir uma estrutura maior, com recursos técnicos para grandes shows, como afirma Silva (2015). Diferenciados, conseguiam contratar artistas nacionais e internacionais para realizarem shows ao vivo. A Chic Show surgiu na década de 1960, como uma pequena empresa de baile e foi só nos anos 1970 que alcançaram o patamar de ser uma das quatro maiores empresas do segmento no Brasil.

Enquanto isso, nas ruas de São Paulo, o *break*, outro braço do hip-hop invadia as ruas das capitais, disseminando a cultura do hip hop. Nos bailes *black*, as músicas de RAP ainda não eram reconhecidas com a devida denominação. Amplamente tocada nas casas de shows e nos bailes *black*, os RAPS americanos eram conhecidos aqui como “balanço”.

Nos últimos anos da década de 1980, a barreira foi quebrada e o break, que até então era uma forma de expressão das ruas se junta às músicas dos bailes *blacks*, que logo ganhou espaço nas rádios brasileiras.

A primeira programação de *black music* destinada ao público juvenil foi criada pela Chic Show. O programa intitulado *Sambarilove* era distribuído pela rádio Bandeirantes FM, e teve grande alcance. Segundo Silva (2015, p.74), o rádio se tornou um instrumento fundamental porque, em meio às músicas, veiculava também informações acerca dos eventos, possibilitando assim, a articulação do público juvenil disperso na metrópole.

Assim como ocorreu nos Estados Unidos, no Brasil o RAP passou por mudanças. As músicas que embalavam a juventude em suas festas, e influência nos estilos agora ganhavam uma abordagem mais aprofundada. As temáticas diárias, sobre o social e o político, a realidades de homens e mulheres pretos de periferia tomavam as pautas centrais das letras de RAP. Segundo Silva (2015, p.91) foi especialmente no período 1990-1994 que surgiram os primeiros esforços no sentido de reinterpretar as relações raciais brasileiras. Para o autor,

A história do movimento hip-hop e as lutas sociais dos negros norte-americanos, registradas em discos, chegavam aos jovens paulistanos de maneira fragmentada, mas mesmo assim, por meio desses elementos esparsos restabeleceram os nexos entre os dois contextos. Perceberam que os sons e imagens sugeriam mais semelhanças que diferenças. Símbolos da luta pelos direitos civis como Luther King, Malcolm X, Panteras Negras, e os contemporâneos Mandela, Steve Biko e Jesse Jackson tornaram-se alvo de curiosidade e admiração. (SILVA, 2015, P.92)

Na década de 1990, a nova geração do RAP norte-americano, como o grupo Public Enemy chegava aos redutos de São Paulo. Nessa “*new school*” as críticas sociais tornaram-se o carro chefe das letras. Aqui no Brasil, o grupo Racionais Mc’s se firmava como expoente dessa linha. Formado por Mano Brown, Edi Rock, Ice Blue e DJ KL Jay, o Racionais Mc’s ficou conhecido por suas músicas duras, que denunciam os problemas sociais e fala das realidades das periferias. Quase trinta anos após o surgimento do grupo, sua relevância social ainda é discutida. Sobrevivendo ao Inferno, lançado em 1997 é considerado até os dias atuais como um dos discos de maior sucesso do gênero. Este ano, foi anunciado que o álbum foi incluído como leitura obrigatória para o vestibular da Universidade de Campinas (Unicamp) em 2020, integrando o gênero “poesia”.

Segundo Silva (2015) com base na experiência norte-americana, os jovens começaram a se perceber como parte de uma história comum, marcada por exclusões e conflitos que aproximavam os negros em diferentes contextos diaspóricos³.

Em 1991, ocorreu um movimento importante para a cena do RAP e as discussões pautadas pelo Movimento Negro, era o “Projeto Rappers Geledés”, que teve uma duração curta (1992-1998). Solimar Carneiro, coordenadora do Geledés - Instituto da Mulher Negra, relembra em uma reportagem de caráter institucional que o projeto nasceu a partir de demandas de grupos de RAP que se sentiam perseguidos pela polícia nos shows. Como alternativa, o Instituto ofereceu um seminário sobre as temáticas que os rodeavam à luz das propostas do Geledés e das discussões sobre Direitos Humanos. Depois desse seminário, o Instituto e diversas bandas de São Paulo se reuniram no que ficaria conhecido como “Projeto Rappers Geledés”. Carneiro (2009, s.p.) afirma que:

As bandas agregadas em torno do Projeto Rappers passaram a compor os Fóruns de Denúncia e Conscientização do Programa de Direitos Humanos do Geledés trazendo a originalidade de articular a atividade cultural com a ação política usando a linguagem musical como instrumento de conscientização e valorização da juventude negra introduzindo assim esse novo paradigma para a nossa organização.

Até então, nos estudos sobre RAP no Brasil, a lente adotada é a que aborda discussões sobre os homens no RAP. Eles são a maioria no cenário, é verdade, mas não foram os únicos que construíram e consolidaram o RAP no Brasil. O “Projeto Rappers Geledés” foi muito importante para discussões sobre gênero no RAP. Segundo Silva (2015, p. 96),

Especialmente as jovens rappers, que tinha o apoio institucional do Geledés, puderam questionar diretamente as posturas sexistas, expressas, por exemplo, em músicas como Mulheres Vulgares (Racionais MC’s) e Garota sem Vergonha (PICH), (Doctor MC’s).

A presença da mulher no RAP tem sido ignorada por pesquisadores, e por aqueles que dominavam a cena. Mas desde o começo do movimento do hip-hop no Brasil, diversas mulheres conquistavam seu espaço, seja batendo tambor na São Bento, como *b-girl* ou grafiteira. Elas reivindicaram seu espaço, e direta e indiretamente, são parte da história do RAP nacional.

³ Diáspora é a dispersão de um povo, seja por questões políticas ou religiosas. Tal termo derivou-se da história do povo judeu. Na cultura negra, a diáspora é vista a partir da escravização de povos africanos. Em “A diáspora – Identidades e Mediações Culturais”, Stuart Hall discute sobre as identidades criadas a partir da diáspora africana no Caribe e a diáspora caribenha na Grã-Bretanha.

Desde o início, o RAP tem cumprido um papel de servir como denunciante das mazelas da periferia e usado como ferramenta para falar de sonhos, medos, anseios e realidades do povo da periferia e do povo preto. Roberto Camargos diz que o RAP é uma reprodução das relações sociais e

[...] abre espaço para a construção de representações sobre a sociedade brasileira, articulando as narrativas das dores, das visões de mundo, da violência e do racismo presentes na história contemporânea. Ele é um importante via para adentrarmos no terreno dos conflitos, das tensões e do poder que opera desigualmente na vida social, conduzindo-nos a repensar os processos sócio históricos no Brasil atual (que, não raro, é visto com pessimismo pelos rappers) e as contradições que o cercam, mesmo quando a difusão do *rap* está associada, em alguma medida, à indústria cultural (particularmente a do entretenimento) e, por isso, seja tachada de alienante. (CAMARGOS, 2015 p.27)

Sendo uma representação da sociedade brasileira, o RAP e aqueles que o criam ainda são alvos de diversos tipos de preconceitos. Também é um espaço de perpetuação de muito machismo e sexismo, que refletem a baixa representação das mulheres no RAP e na construção dessas mulheres na mídia, que nem sempre são reconhecidas por seu trabalho. Esse é um processo perverso com qual as rappers lidam diariamente e que tornou parte das denúncias apresentadas em suas obras. A presença da mulher no RAP é o tema do próximo capítulo.

3 MULHERES NO RAP

Como citado anteriormente, a presença da mulher no RAP é baixa. Essa constatação é tanto empírica como comprovada com base em levantamento de bibliografia artística e acadêmica para este projeto, junto aos autores Matsunga (2008), Camargos (2015) e Lima (2005).

Uma das autoras consultadas, Matsunga (2008) afirma que a tentativa do movimento hip-hop de se incluir nos discursos atuais não os isenta de reproduzir o sexismo, que não é exclusividade do movimento. Para a autora

A sociedade brasileira estrutura-se a partir da visão androcêntrica, e isto pode ser observado nas distinções sexuais quanto aos postos de trabalho ocupado por homens/mulheres, a diferença de salários, a hierarquia política, entre outros. Isto não é negar os avanços conquistados pelas mulheres, mas admitir que as relações sociais contemporâneas perpetuam discriminações quanto à distinção sexual, definindo espaços que podem ser ocupados por homens e mulheres. (MATSUNGA, 2008, p.114)

Com a baixa presença feminina neste gênero musical, os obstáculos aumentam quando se pretende analisar como são representadas. Para a autora, é possível encontrar dois núcleos de representações sobre as mulheres: a mulher de luta, firmeza, que deve ser respeitada (muitas vezes na figura da mãe) e a mulher vulgar e fútil, que só serve para ser usada.

Mas a cultura do hip-hop e o RAP são feitos por diversas mulheres, que se encaixam ou não nessas classificações e que trilham um caminho ainda maior do que os homens. São elas que se deparam com o preconceito de gênero, de classe e de raça. É também Matsunga (2008, p. 114) quem afirma que

Autoras de suas letras também são autônomas e autoras de suas próprias histórias. Esta representação da mulher fornece referências para outras mulheres ocuparem espaços diferenciados, como espaços públicos. Esta busca de sentido revela que, para além da reiteração de concepções tradicionais da mulher, estão presentes tanto no discurso feminino como em letras produzidas pelos hip hoppers (a mãe, a esposa, a fidelidade), a mulher é vista, pela mulher hip hopper, “conversando” com a agenda feminista que reivindica, entre outras coisas, direitos sociais igualitários.

Essa agenda feminista nem sempre é o carro chefe dos discursos das rappers, mas as reivindicações por igualdade, respeito e maior espaço, que são pautas do feminismo é recorrente nas suas produções. Quando as rappers reconhecem que, por vezes, as mulheres pretas encontram mais dificuldades para entrar no meio do que as mulheres brancas, reconhecem o preconceito de raça, e o de classe quando o pano de fundo para a maioria das músicas de RAP são as denúncias de crimes na periferia e de descaso do governo. Assim,

entendo que conscientemente ou não, as rappers se apoiam em um feminismo negro, que luta contra diversas opressões. Acerca do assunto é possível recorrer a autores como Larissa Amorim Borges, para quem

O feminismo negro é um posicionamento contra a ideologia liberal individualista e tem como alicerce as redes de solidariedade, proteção, cooperação e afirmação que sustenta e apoia as mulheres e também homens negros em processos de superação de situações e condições de opressão, empoderamento e emancipação. (BORGES, 2013 p.53)

Ângela Davis, também discorre sobre o assunto e afirma em uma de suas obras que discute gênero e raça (DAVIS, 2016) que o único feminismo possível é o interseccional. Nele, os preconceitos de gênero, raça e classe são vistos como integrantes de um processo que é estrutural. São opressões que estão interligadas e precisam ser consideradas em conjunto. Essas são características que permeiam o trabalho de três rappers pretas, Karol Conka, Tássia Reis e Yzalú, que aqui serviram de base para a construção desta pesquisa.

3.1 A representação das rappers pretas

Nos últimos anos, as palavras representação, representatividade e empoderamento tomaram conta dos discursos das redes sociais. Mais do que palavras da moda, elas representam o anseio de uma geração de mulheres, de pretas e pretos, de gordas e gordos, de LGBT'S e de deficientes, que cada vez mais reivindicam que seus jeitos, formas e expressões façam parte dos debates e que tenham espaços nas produções tanto acadêmicas quanto comerciais. Essas são identidades individuais e coletivas que precisam ser enxergadas.

Para o teórico jamaicano Stuart Hall, as questões de representações são diretamente influenciadas por essa construção de identidade, que tem sido a principal reivindicação na pós-modernidade. Essas identidades são construídas e transformadas no decorrer do tempo, totalmente passível de influências que são definidas por grupos, região, etnia, entre outros. Para o autor

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de *diferença*. (HALL, 2006, p.21).

Por isso, acredita-se que a reivindicação por representatividade é uma das maiores potências da atualidade, principalmente da juventude, que graças a pressão por essa representatividade e ao alcance das redes sociais, têm a oportunidade de acesso a uma gama de

discussões e de imagens que irão influenciá-los na construção da identidade individual, que reflete na construção coletiva. Assim, é possível afirmar que para jovens mulheres pretas, ver outra mulher preta em destaque é uma forma de empoderamento e conhecimento. Tal afirmação se sustenta nas considerações de Hall (2001, p. 150), quando afirma que

Dentro da cultura, às margens, embora continuem periféricas, nunca foram um espaço tão produtivo como o são hoje, que não se dá simplesmente pela abertura dentro da dominante dos espaços que podem ser ocupados pelos de fora. É também o resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos na cena política e cultural. Isso é válido não somente com relação à raça, mas também diz respeito a outras etnicidades marginalizadas, assim como em torno do feminismo e das políticas sexuais no movimento de gays e lésbicas, que é resultado de um novo tipo de políticas culturais.

Cabe ressaltar, que o RAP surgiu em um período de grandes mudanças político-social e que se transmutou ao decorrer do tempo. Seja pela identificação com um gênero musical, estilo de roupas ou de linguagem, o RAP foi um agregador de identidades que transpassaram e transpassam a comunidade negra, tanto nos Estados Unidos como no Brasil. Pensando nesses fatores é que se justifica a importância de buscar conceitos dos Estudos Culturais para que sejam realizadas discussões acerca da representação de rappers pretas na mídia.

Os Estudos Culturais surgem através *do Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS) na Inglaterra, em meados dos anos de 1960, no período pós-guerra, e foi fundado por Raymond Williams, E.P. Thompson e Richard Hoggart. Stuart Hall, foi um dos principais teóricos para Estudos Culturais, mas não participou da fundação.

Neste período pós-guerra, havia uma intensa contestação dos valores tradicionais da sociedade. Movimentos identitários como o movimento negro, movimento feminista e o punk, surgem como respostas ao pensamento tradicional, quebrando paradigmas e influenciando as produções acadêmicas a levarem em consideração questões como etnia, raça, identidades e cultura.

Nos valem dos Estudos Culturais para compreender melhor o conceito de representação, pois segundo Wolf (2009, p.108), “o interesse dos *cultural studies* centra-se, principalmente, na análise de uma forma específica de processo social, relativa à atribuição de sentido à realidade, à evolução de uma cultura, de práticas sociais partilhadas, de uma área comum de significados”.

O conceito de representação para Hall (2006) se constrói dentro de um sistema de significados pelos quais nós representamos o mundo para nós e para os outros. Além do que se diz ou do que se pensa, as práticas sociais também fazem parte desse sistema de representação.

A forma como as rappers se veste, se porta, sua linguagem oral e estética são parte do processo que irá influenciar na sua imagem pessoal e midiática.

Nessa construção de identidades, o corpo tem sido uma das maiores pautas. A construção da imagem da mulher preta ainda é permeada de estereótipos e de uma sexualização dos corpos negros que é alimentada há centenas de anos. Karol Conka, Tássia Reis e Yzalú, assim como tantas outras, são mulheres que lidam todo dia com essa sexualização do corpo preto e com os reflexos de uma sociedade machista.

Em contrapartida, elas têm ressignificado esse processo perverso. Seus corpos são partes importantes na autoimagem, em suas performances e em suas músicas e vão ao encontro de afirmações que nos induzem a pensar “[...] em como essas culturas têm usado o corpo - como se ele fosse, e muitas vezes é, o único capital cultural que possuímos. Temos trabalhado em nós mesmo como em telas de representação”. (HALL, 2001 p. 154)

Sendo assim, a forma como as rappers são representadas pela mídia pode influenciar e promover diferentes formas de interpretações do RAP produzido por elas, mulheres e pretas.

3.2 Karol, Tássia e Yzalú

Karol Conka tem 31 anos, é rapper, compositora, produtora e apresentadora. Tássia Reis tem 29 anos, é rapper e compositora. Yzalú com 36 anos, é rapper, compositora e violonista. Mulheres, pretas e rappers. Essas mulheres representam a diversidade dentro do mesmo gênero musical e é a partir dessas três artistas que essa pesquisa foi construída para viabilizar as análises da representação da mulher rapper e de suas produções na mídia.

3.2.1 Karol Conka

Karoline dos Santos Oliveira, mais conhecida como Karol Conka nasceu em 1 de janeiro de 1987, em Curitiba. É rapper, compositora, apresentadora, produtora e atriz. Seu primeiro álbum “Batuk Freak” de 2013 a levou para o estrelato. Em novembro de 2018 foi lançado seu segundo álbum de estúdio intitulado “Ambulante”.

Conka cresceu no bairro Alto Boqueirão, próximo a um conjunto habitacional da Cohab. Em entrevista ao site da Biblioteca Pública do Paraná, Conka relatou que a alta taxa de crime nos bairros de periferia sempre foi presente em sua vida, e isso deixou marcas. Outras

marcas que Karol carregou em sua vida foi o racismo. Quando criança, mergulhou suas mãos em um balde cheio de água sanitária para ficar branca, e assim ser bem aceita pelos colegas da escola. Segundo a artista, seus pais foram fundamentais no processo de ressaltar sua beleza, e de lhe mostrar que o problema está em quem a vê como diferente. Esse processo foi fundamental para a construção da sua identidade, como conta em entrevista para a Rolling Stone.

Em entrevista para o canal do Youtube Brasileiríssimos, em 13 de janeiro de 2016, Conka diz que seu contato com o RAP começou aos 17 anos, e foi nessa época que ela se libertou de ser “mina” e negra. Para ela, ser negra, pobre e viver em Curitiba, a levou para um caminho de escrever músicas que ela mesma gostaria de ouvir.

Conka classifica sua música como “RapConka”, um estilo diferente de RAP, que é fora dos padrões, assim como sua vida, seu jeito, seu pensamento. Sobre a mensagem de suas músicas, diz: “eu acho que a gente tem que ser vista não só como rapper, mas como capazes de passar uma mensagem e não só rimar em cima de uma batida. A gente tem coisa para falar, a gente tem experiências para passar, sonhos para passar para as pessoas. A minha mensagem sempre foi a de autoestima e empoderamento. Porque? Por que na minha infância eu fui muito diminuída o tempo inteiro, até quando eu conheci o Rap”. (BRASILEIRÍSSIMOS, 2016, s.p)

O primeiro trabalho profissional de Karol Conka veio com seu EP “Karol Conka” lançado em 2001, exclusivamente online. Em 2011 lança seu segundo EP “Promo”. Seu primeiro álbum “*Batuk Freak*” só foi lançado em 2013, consolidando sua carreira.

3.2.2 Tássia Reis

Tássia Reis, 29 anos, nasceu em Jacareí, no interior de São Paulo. Sua trajetória no hip-hop começou ainda na adolescência quando entrou para um grupo de dança na sua cidade natal. Em sua infância, costumava ouvir Clara Nunes por influência da mãe, Jackson 5 por influência do pai e foi seu irmão que a influenciou com o RAP, que depois se tornou seu gênero musical. Aos 20 anos mudou-se para São Paulo para continuar sua graduação em Moda. Foi nessa época que gravou seu primeiro single “Meu Rapjazz”, lançado em plataformas digitais.

A cantora participa de dois projetos musicais paralelos que se interligam nas discussões de suas letras. O “Rimas e Melodias” grupo composto só por mulheres rappers e o “Salada de Frutas”, ao lado das cantoras Liniker e As Baianas e a Cozinha Mineira, em um projeto que discute gêneros.

Em entrevista para o canal Trip Tv, no *Youtube*, Tássia diz que o hip-hop é seu *lifestyle*, foi o que a formou politicamente e onde ela começou a se entender como mulher negra.

Sobre ser mulher, negra e rapper, Tássia diz em entrevista ao canal “Alma Preta” que no RAP existe o machismo subjetivo, como quando só é chamada para fazer refrão, ou dizem que ela não canta RAP por ter uma voz mais suave. E o escancarado, como quando em eventos não tem nenhuma mulher, ou chamam uma para “cumprir tabela”, assim como quando as mulheres são chamadas só para eventos do 8 de março (dia internacional das mulheres) ou 20 de novembro (dia da consciência negra).

Em diversos momentos, Tássia Reis relata que suas letras de músicas são inspiradas em sua própria experiência e que já ouviu falarem que sua música cura, mas que nunca pensou em criar músicas para os outros e sim para se curar. Tássia lançou seu primeiro EP homônimo em 2014. Seu primeiro álbum é lançado em 2016 com o título de “Outra Esfera”.

3.2.3 Yzalú

Luiza Yara Lopes Silva, 36 anos, nasceu em São Bernardo do Campo, no ABC Paulista. É cantora, compositora e violonista. Sua carreira musical começou com o MPBe aos 20 anos já se apresentava fazendo cover em bares de sua cidade natal, até que foi convidada para integrar um grupo de RAP feminino chamado de “Essencia Black”, onde tocava violão. Sua carreira como cantora começa anos mais tarde (GONZAGA, 2016, s.p). Durante sua carreira, participou de diversos projetos coletivos e de diversas gravações de RAP, mas só em 2016 lançou seu primeiro álbum solo, intitulado “Minha bossa é treta”.

Em entrevista para o canal “Revista R” Yzalú conta que sua trajetória no cenário do hip-hop teve início com a mistura do RAP e violão. Yzalú desde pequena tocava o instrumento, e com seu contato com o RAP, começou a experimentar diferentes formas. Ela relata que tocava Sabotagem no violão e ninguém percebia. Sua mistura musical é um diferencial e somado ao fato de ser mulher, por vezes escuta que não é rapper. Yzalú reforça que suas músicas são pautas que precisam ser reivindicadas e que a arte anda junto com o ativismo. Pautas como o feminismo, deficiência, condição social da mulher negra são as frentes do seu álbum.

3.2.4 Semelhanças e diferenças entre as rappers

A pesquisa documental inicial, bem como o acompanhamento da carreira das rappers permitiu aferir que as três contam que a influência musical na infância foi de grande importância para a construção de suas identidades. Nomes como Jackson 5, Nina Simone e Dina Di foram influências para três garotas pretas de periferia que decidiram ser rapper. Essas bagagens cultural, social e familiar estão refletidas em suas composições musicais.

Karol Conka, com suas letras com mensagens consideradas empoderadoras, tem a consciência de seu lugar de destaque e de como sua representação é importante para algum público específico. Sem se ligar com críticas ou rótulos, ela criou seu “RapConka” como uma alternativa de representação e entendimento para seu público, como pode ser constatado na música “É o poder” de 2015:

Sociedade em choque eu vim pra incomodar / Aqui o santo é forte, é melhor se acostumar / Quem foi que disse que isso aqui não era pra mim se equivocou / Fui eu quem criei, vivi, escolhi me descobri e agora aqui estou / Não aceito cheque já te aviso não me teste / Se merece então não pede pra fazer algo que preste / Quem é ligeiro investe não só fala também veste / Juiz de internet caga se espalhando feito peste / Se não tá no meu lugar então não fale meu (não fale) / Se for fazer pela metade não vale (não vale) / Eu vivo com doses de só Deus que sabe / O resto ninguém sabe.

Em “Ouça-me”, Tássia Reis fala sobre as dificuldades em ser ouvida em seus espaços e em como sua luta para conquistar seu lugar ao sol nunca acaba:

Ouça-me, ouça-me, ouça-me / Eu tentei falar baixinho mas ninguém me ouviu / Eu tentei com carinho e o sistema me agrediu / Então eu grito! elevo o meu agudo ao infinito! / Pra mim não tem dilema / Se tá difícil eu explico / Não tem coragem de reconhecer o próprio erro / Não são capazes pois querem sair dessa ilesos / Eu sou a resposta e a pergunta do seu desespero / O que eles tem de idiotice meu som tem de peso / Meu rap é crespo, melanina nesse rolê / Meu hair é bom, o que já não faço questão de ser / Eu vou ser ruim que é pra você perceber / Se não me dar o valor ceis vão pagar muito caro pra ver.

Em sua interpretação mais famosa “Mulheres negras”, da autoria de Eduardo Taddeo, Yzalú adiciona sua experiência ao falar de mulheres negras na mídia:

Sobrevivemos à ausência na novela, e no comercial / O sistema pode até me transformar em empregada / Mas não pode me fazer raciocinar como criada / Enquanto mulheres convencionais lutam contra o machismo / As negras duelam pra vencer o machismo, o preconceito, o racismo / Lutam pra reverter o processo de aniquilação / Que encarcera

*afrodescendentes em cubículos na prisão / Não existe lei maria da penha
que nos proteja / Da violência de nos submeter aos cargos de limpeza /
De ler nos banheiros das faculdades hitleristas / Fora macacos cotistas
/ Pelo processo branqueador não sou a beleza padrão / Mas na lei dos
justos sou a personificação da determinação.*

As histórias de vida das três rappers são constantes em suas letras e entra em acordo com as pautas do feminismo interseccional. A representação, o espaço e o empoderamento são presentes em suas falas, entrevistas e em shows. As três artistas são coerentes com suas histórias, processos e vida artística. E considerando essas pautas surge o questionamento a que se dedica a pesquisa ao buscar analisar como a mídia representa Karol Conka, Tássia Reis e Yzalú.

4 AS CONTRADIÇÕES E A REPRESENTAÇÃO DA PRETITUDE FEMININA NO RAP

Karol Conka, Tássia Reis e Yzalú são mulheres que se diferenciam pelo tom de pele, pelas vivências e por suas trajetórias de vida. O RAP foi o ponto de intersecção entre a história dessas três mulheres pretas. Para analisar como a mídia representa essas mulheres, acreditamos na necessidade de levar em conta as múltiplas variáveis de suas trajetórias, do caminho que o RAP tem percorrido desde os anos de 1980 quando surgiu nos Estados Unidos até os dias atuais. Gênero, Classe e Raça são fatores importantes na construção da identidade de indivíduos e de comunidades, refletindo também, na construção imagética da sociedade brasileira e, por conseguinte, no comportamento da mídia.

Compreendendo todos esses pontos, o objetivo desta pesquisa centra-se na análise da representação das rappers pretas na mídia. A pesquisa, portanto, apresenta um viés descritivo ao propor observar e entender os contextos históricos e a partir deles analisar as reportagens sobre as três artistas. Também apresenta um viés documental, pois artigos, jornais, revistas e similares se constituem como a base para a pesquisa de informações sobre gênero e RAP, permitindo uma análise de contexto e histórica.

A delimitação do *corpus* refere-se à análise de reportagens em canais da grande mídia que retratam algum aspecto da carreira de Karol Conka, Tássia Reis e Yzalú. Assim, foram selecionadas publicações veiculadas no portal da Revista Trip, Estadão e Portal R7, no período de 2016 e 2017, as quais foram observadas à luz do Método Dialético.

Tal escolha parte do pressuposto que a representação faz parte de uma construção histórica, sempre em transformação. Assim, utilizamos o Método Dialético para nossa análise, uma vez que o mesmo permite considerar no objeto analisado, além da historicidade, contradições, concretude e complexidades envolvidas nas situações objetos de análises.

Dialética, na Grécia Antiga, era a arte do diálogo. Na Modernidade, é o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essência contraditória e em permanente transformação (KONDER, 1981). O Método Dialético entende que os fatos sociais não podem ser dissociados dos contextos pré-existentes. Desta forma, a construção da representação das rappers pretas na mídia faz parte de um contexto complexo, que deve considerar questões de raça, gênero e classe.

A análise dialética, segundo Konder (1981), é um modo de pensar nas contradições existentes na realidade em que vivemos. Para o autor,

As conexões íntimas que existem entre realidades diferentes criam unidades contraditórias. Em tais unidades, a contradição é essencial: não é um mero defeito do raciocínio. Num sentido amplo, filosófico, que não se confunde com o sentido que a lógica confere ao termo, a contradição é reconhecida pela dialética como princípio básico do movimento pelo qual os seres existem. A dialética não se contrapõe à lógica, mas vai além da lógica, desbravando um espaço que a lógica não consegue ocupar. (KONDER, 1981, p. 47)

Portanto, trabalhamos aqui com um método que não tem como objetivo chegar a um resultado final específico e sim de problematizar as questões inerentes à representação das rappers pretas no Brasil. Para a análise, é necessário um entendimento prévio sobre as mulheres, sobre o RAP e sobre a mídia.

As realidades dos tempos atuais são reflexos de construções anteriores como a luta pela emancipação da mulher, a luta do movimento negro, o histórico racista de nosso país, o capitalismo e a estrutura patriarcal. A partir desses dados históricos, conseguimos ter um melhor entendimento para analisar dados necessários para compreensão dos pontos que essa pesquisa busca investigar. Ainda que não seja um caminho comum nas pesquisas em comunicação a escolha foi motivada pela compreensão de que o método é de fundamental importância para essa pesquisa ao propor uma reflexão aprofundada sobre o tema, uma vez que

Em síntese, o método dialético parte da premissa de que, na natureza, tudo se relaciona, transforma-se e há sempre uma contradição inerente a cada fenômeno. Nesse tipo de método, para conhecer determinado fenômeno ou objeto, o pesquisador precisa estudá-lo em todos os seus aspectos, suas relações e conexões, sem tratar o conhecimento como algo rígido, já que tudo está sempre em constante mudança (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.35).

Para esta análise, o universo da pesquisa considera produções jornalísticas encontradas entre os anos de 2016 e 2017 nos sites noticiosos da Revista Trip, Estadão e Portal R7. Nos critérios de inclusão e exclusão para constituição do *corpus* de análise decidiu-se por esses dois anos por serem recentes e permitirem uma análise considerando o período já findado, o que possibilita uma visão ampla sobre as reportagens veiculadas nos referidos canais. Os anos de 2016 e 2017 também foram escolhidos por uma questão prática e de exequibilidade, nesse período a carreira de Karol Conka, Tássia Reis e Yzalú já estavam consolidadas.

Para que as matérias selecionadas fossem passíveis de comparação, alguns critérios de análise foram definidos e relacionados com o Método Dialético. Por exemplo, matérias de serviços sobre as agendas de shows foram excluídas e reportagens que prezam por elementos visuais, como fotos e vídeos foram priorizadas no critério de inclusão.

Levando em consideração os critérios acima, chega-se a um universo que compreende 17 materiais sendo reportagens, análises e entrevistas em portais online. Destas dezessete

matérias, seis referem-se a Karol Conka, sete sobre Tássia Reis e quatro sobre Yzalú, como pode ser observado no quadro 1.

Quadro 1- Reportagens e entrevistas sobre Karol Conka, Tássia ou Yzalú.

ARTISTA	TÍTULO	DATA	ASSUNTO	VEÍCULO
Karol Conka	Girl Crush: Karol Conka e Maria Ribeiro	25/12/2016	Família, racismo, fama	Revista Trip
Karol Conka	Gosto de chamar a atenção, mas tenho uma mensagem", diz Karol Conka, atração do Planeta Atlântida	01/02/2017	Entrevista curta	Gaúcha ZH
Karol Conka	Karol Conka sobre a morte do pai: "Foi a maior dor que vivi"	23/04/2017	Morte do pai, trajetória e música	Revista Quem
Karol Conka	Lalá', novo clipe de Karol Conka, tem uma mensagem que não deixa dúvidas	08/06/2017	Sobre a música, inspiração e repercussão nas redes	HuffPost Brasil
Karol Conka	Qual a importância social em ter os rappers negros Karol Conka e Rico Dalasam em horário nobre?	24/07/2017	Representatividade	HuffPost Brasil

Karol Conka	“Hoje, adolescente negras tem quem as defenda”, diz Karol Conka	23/10/2017	Assédio, representatividade, machismo e trajetória.	Estadão
Tássia Reis	Análise: Pancadas do racismo e do machismo sempre virão	11/07/2016	Texto de Tássia Reis onde fala sobre a mulher no rap, o machismo e representatividade.	Estadão
Tássia Reis	Tássia Reis lança o disco 'Outra Esfera' e levanta a bandeira contra o machismo e o preconceito	20/09/2016	Lançamento do álbum e posicionamento contra o machismo e racismo	Estadão
Tássia Reis	Tássia Reis, Rainha	10/03/2017	Vídeo: Ela conta sua trajetória	Revista Trip
Tássia Reis	Uma conversa sobre apropriação cultural e empatia	17/03/2017	Cita a fashion week. Mais dois rappers são entrevistados.	Revista Trip
Tássia Reis	Tássia Reis fala sobre feminismo, empoderamento e preconceito racial	30/06/2017	Entrevista sobre música e corpo	Revista Marie Claire

Tássia Reis	Tássia Reis lança clipe e grife própria: "Liberdade de mostrar quem sou"	29/09/2017	Sua origem e de onde veio a inspiração para sua grife	Revista Marie Claire
Tássia Reis	Tássia Reis sobre empoderamento : "você não pode dar talento, mas pode gerar oportunidade	09/11/2017	Posicionamento dela enquanto artista e suas referências	Revista Glamour
Yzalú	"Às vezes a gente se vê como minoria e, na verdade, é uma maioria"	23/02/2016	Inserção no hip-hop, mulheres no rap e temas abordados no álbum.	Revista Fórum
Yzalú	Cantora Yzalú lança disco de rap com influência da MPB	29/02/2016	Lançamento do álbum, referências musicais e carreira.	Portal R7
Yzalú	A rapper Yzalú vai transformar toda treta em Bossa	29/02/2016	Referências musicais, início no hip hop, deficiência	Revista Trip
Yzalú	Yzalú mostra o repertório de "Minha Bossa é Treta", dia 11, no Itaú Cultural	04/03/2017	Lançamento do álbum e pequena entrevista	Portal R7

Fonte: coleta de dados

Deste universo de dezessete matérias foram selecionadas seis para análise (em negrito no quadro 1), que compreende uma entrevista com cada rapper no portal da Revista Trip,

correspondendo a três matérias, uma entrevista com a rapper Karol Conka no site do Estadão, uma entrevista com a rapper Tássia Reis no site do Estadão e uma entrevista com a rapper Yzalú no Portal R7, totalizando as seis entrevistas que serão analisadas no próximo tópico. Antes da análise, contudo, são apresentados os critérios de seleção dos textos do *corpus*.

Destaca-se também, que nesta pesquisa, tivemos acesso a outras reportagens das quais uma ou mais artista foram citadas. Essas reportagens não foram consideradas na análise, mas disponibilizadas no quadro abaixo e classificadas em ordem cronológica.

Quadro 2- Reportagens e entrevistas que Karol Conka, Tássia ou Yzalú são citadas.

ARTISTA	TÍTULO	DATA	ASSUNTO	VEÍCULO
Cita Tássia	10 lançamentos que deixaram o rap menos machista	02/01/2017	Cita álbum outra esfera	Nexo Jornal
CITA Tássia e Karol Conka	Projeto quer aumentar protagonismo da mulher na música	10/01/2017	Sobre o festival WME	Ad News
Cita Tássia e Karol	Rappers feministas combatem machismo com suas rimas	17/02/2017	Acho que hoje você ver mulheres como Tássia Reis, Karol Conka em uma revista, é o tipo de representatividade que precisa”,	Jornal USP
Cita Karol Conka	O Racionais deixou de ser nós quatro e virou uma comunidade', diz Ice Blue; leia bate-papo	02/06/2017	História do grupo Racionais Mc's e novas referências do Rap.	Folha de São Paulo
Cita Tássia	Mulheres organizam ato feminista em favor das Diretas Já	12/06/2017	Política e Rap	Carta Capital
Cita Tássia e Karol	Dez artistas empoderados que estão trazendo a diversidade para a música	14/06/2017	Mini biografia de vários artistas	Portal IG

Cita Tássia e Karol Conka	29 músicas que refletem o que é ser negro no Brasil	20/06/2017	Lista de músicas e artistas negros	HuffPost Brasil
Cita Tássia	Causa e efeito	09/08/2017	Rap e Espiritualidade	Revista Trip
Cita Tássia e Karol Conka	Aula de RAP	10/10/2017	Sobre a evolução do hip hop	Revista Trip
Cita Yzalú	12 músicas sobre racismo e orgulho negro para você ouvir agora	16/11/2017	Lista de artistas negros	Catraca Livre
Cita Yzalú	O dia e a hora em que o racismo vai acabar no Brasil	16/11/2017	Yzalú apresenta uma breve resposta ao questionamento: Que dia e hora o racismo vai acabar no Brasil?	Catraca Livre

Fonte: coleta de dados

Considerando o universo da pesquisa, destacamos que a escolha de três entrevistas na Revista Trip justifica-se pela importância de observar como as três artistas são representadas em um mesmo portal, que segue uma mesma linha editorial. A Revista Trip se aproxima das revistas de comportamento e apresentam diversidades de conteúdo dentro de uma mesma linha editorial. Já a segunda sequência de reportagens, não foi possível localizar três entrevistas em um mesmo portal, no caso do Estadão. Diante do exposto, optou-se pela escolha da entrevista no Portal R7 por se assemelhar mais à proposta do Estadão. Ambos são portais de notícias em geral, que apresentam segmentos como o de entretenimento, colunas, espaço de opinião, dentre outros. As reportagens que serão analisadas a seguir podem ser identificadas com a marcação em negrito no Quadro 1.

4.1 Entrevista Karol Conka – Revista Trip

Publicada no dia 25 de dezembro de 2016, na plataforma online da Revista Trip, “Girl Crush: Karol Conka e Maria Ribeiro” é uma entrevista realizada com duas mulheres totalmente diferentes. Karol Conka é negra, rapper e pobre. Maria Ribeiro é branca, atriz e de família de

classe média alta. Abordando questões como carreira, sucesso, racismo, sexualidade e maternidade, a entrevista se propõe a fazer um contraponto ao entrevistar duas mulheres de etnias e classe social destoantes.

De início já é possível observar esse contraponto. No abre da reportagem, no alto da página, somos apresentados a um breve parágrafo, carregado de dualidades, apresentando as entrevistadas da vez, como é possível observar no trecho: “Uma escutava que pobre não fica famoso. A outra escutava que quem é culto não pode ser vaidoso. Dois extremos que dizem muito sobre ser mulher hoje.”

Como citado por Konder (1981), pensar nas contradições existentes na realidade em que vivemos é um dos processos previsto na dialética. Nesta entrevista, as contradições são explicitadas na comparação entre as realidades das artistas. A seguir, essas contradições também são vistas e interpretadas nas respostas dadas pelas entrevistadas, sendo possível observar que desde a infância até a atualidade, o contexto a qual foram criadas influenciaram diretamente em seus posicionamentos, caminhos e na construção de suas carreiras.

Figura 1 - Foto apresentada no corpo da entrevista. Créditos: Christian Gaul.



Fonte: Revista Trip

A entrevista acompanha três fotos das duas artistas juntas, no começo meio e fim da página. Também acompanha um vídeo de três minutos e trinta e dois segundos, onde é apresentado o *Making of* da sessão de fotos e onde, de modo descontraído, as artistas, ao lado de uma piscina e bebendo *Champagne* respondem uma à outra as perguntas que estão contidas dentro de biscoitos da sorte. Alguns trechos das perguntas apresentadas neste vídeo se repetem ao longo da entrevista que em formato de texto.

A primeira pergunta direcionada à Karol Conka questiona como a artista tem lidado com sua vida de famosa, seguida de outro questionamento: “E como faz para não se deslumbrar”? Karol Conka responder que já vem se preparando para a fama há muito tempo, pois desde cedo era seu sonho. Atualmente, alguns pontos que a incomoda são os questionamentos sobre uma fórmula de sucesso, que para ela não existe, e por dizerem que ela não é humilde quando se recusa a responder perguntas do tipo. Sobre o deslumbre, Conka se diz muito centrada e muito “pé no chão”. Ela também compartilha o incômodo que sente pelo fato de as pessoas só considerarem um artista especial caso ele apareça na Rede Globo de Televisão, se referindo à sua participação na abertura das Olimpíadas, que ocorreu no Rio de Janeiro, em 2016 e foi transmitido pela Rede Globo.

Em seguida, Conka é questionada sobre sua postura e visual em constante mudança e como ela encontrou esse lugar entre o “rap e a Beyoncé”, claramente se referindo ao seu visual despojado e colorido que é muito relacionado ao gênero de música “POP”. Em um interessante relato, Conka diz que conheceu o RAP quando tinha 16 anos e desde aquela época, sempre tentou se encaixar e se inteirar do que podia ou não podia no cenário do hip-hop. Relata ter tentado “fazer uns raps mais sérios” até que se libertou, assumindo seu jeito colorido e passou a reivindicar que sua arte também era RAP.

Neste trecho, fica evidente a necessidade de um olhar dialético para entender o RAP enquanto produção específica de Karol Conka. O contexto histórico e a postura que foi atribuída ao RAP e aos rappers fizeram parte de sua história, mas a sua individualidade, o seu contexto e sua expressão artística, que foram influenciadas por diversos outros movimentos e gêneros musicais são alguns dos aspectos que constituem a identidade da artista, refletindo em sua produção musical.

Quando questionada sobre recepção em Curitiba, sua terra natal, Conka afirma que hoje é reconhecida até em lugares frequentados por “*playboys*”, onde não era bem tratada e, por isso, faz questão de retornar a esses lugares para, segundo ela “ver qual vai ser.”

Quando questionada se o sucesso a afastou do racismo, Conka responde que virou uma “negra branca”, e que, “quando um negro fica famoso, com dinheiro, ele não é negro, é sortudo.

É assim que a gente aprende”. Neste trecho é possível observar que classe e raça andam juntos, e o reconhecimento de artistas negros sempre estão à mercê de uma interpretação meritocrática que desconsidera o histórico de luta e a trajetória percorrida para se chegar ao estrelato.

A entrevista segue com perguntas sobre o relacionamento de Conka com seu filho, e a diferença entre as oportunidades que ele tem agora, por ser filho de uma famosa e as oportunidades que ela teve em uma infância pobre. A bissexualidade da cantora também é pauta de discussão sobre sexualidade, relacionamentos e monogamia.

A entrevista realizada pela Revista Trip, coloca em evidência a diferença histórica de duas artistas de classe social e etnias diferentes. É possível observar, por meio das respostas às perguntas, que essas trajetórias tão diversas tiveram influência direta na produção artística de Karol Conka e Maria Ribeiro, possibilitando uma análise dialética sobre esse fato. Destaco aqui, que assim como observado em diversos materiais encontrados no *corpus*, a produção musical, os valores e os processos em ser uma rapper negra no Brasil não é considerado como pauta principal. O corpo, o racismo e a estética são os carros chefes na discussão sobre o mundo do hip-hop quando, a artista em questão é mulher. Entendo que, neste caso, a artista é considerada mais importante que sua arte.

Karol Conka pode ter sido a primeira mulher rapper a sair desse cenário “*underground*” e atingir o estrelato, agregando diversos públicos. Por isso, muitas vezes suas músicas não são consideradas RAP, por existir no imaginário da sociedade que RAP deve ser algo sisudo, que só critica o sistema e não se abre para outras vertentes. Como visto no primeiro capítulo desta pesquisa, o RAP adquiriu esse viés em meados dos anos de 1990, com os Racionais como grande expoente, mas não só, como pode ser analisado quando se considera as primeiras gravações, que se assemelhavam muito com o funk americano, com um viés mais dançante e sem assumir esse papel de denunciador das mazelas da sociedade. Karol Conka, a partir de suas vivências e do seu entendimento enquanto sujeito, decidiu seguir um caminho irreverente, abrindo portas para as discussões sobre a representação da mulher no RAP, a emancipação feminina, o empoderamento e libertação de seu corpo. Mas a rapper não é só isso. Ela constitui uma gama maior de possíveis interpretações de sua arte. É possível observar a partir desta entrevista e de outras matérias que foram lidas para essa análise, que, desde sua ascensão, a mídia então tem comprado esse lado extrovertido e do empoderamento pela estética, desconsiderando quase que completamente suas construções sociais, suas críticas e denúncias que estão presentes em todas as suas músicas, por vezes de jeito explícito, em outras embutidos em frases que caíram no gosto do público sem um entendimento do que está nas entrelinhas.

Enquanto a mídia insiste em perguntar para Karol Conka sobre como é ser colorida no mundo no RAP, sobre sua sexualidade, racismo e empoderamento, alimentam uma única identidade para um artista, que considera apenas o marketing e o imagético, desconsiderando que a rapper está inserida em um contexto maior.

4.2 Entrevista Tássia Reis– Revista Trip

Em 10 de março de 2017, a Revista Trip publicou uma entrevista intitulada “Tássia, Rainha” com a rapper Tássia Reis em sua plataforma online. O vídeo, que está no canal da Revista Trip no Youtube, tem duração de cinco minutos e trinta e três segundos, onde a rapper conta sobre seu contato com o RAP, sua formação em Moda, racismo e empoderamento. O vídeo combina cenas em close, com a cantora posicionada do lado direito do vídeo, cenas do videoclipe de “Meu Rapjazz”, primeiro single da cantora e alguns trechos de Tássia Reis cantando em frente a um espelho.

Figura 2 - Screenshot do vídeo-entrevista realizado pela Revista Trip



Fonte: Revista Trip

Segundo Tássia Reis, foi no movimento do Hip Hop que ela se formou politicamente e começou a se entender enquanto mulher negra. Essa fala vai de encontro com as discussões realizadas nesta pesquisa. Mais de que um gênero musical, o RAP, uma das vertentes do hip-hop, é um movimento que tem influenciado nas construções sociais, no reconhecimento e no

entendimento de diversos atores da sociedade, principalmente em negras e negros, periféricos e jovens. Tássia Reis participou desse processo e o histórico com o hip-hop transcende a questão musical e se reflete no conjunto.

No Método Dialético, esse contexto não se desprende de suas ações atuais. Segundo Konder (1981, p.82) o Método Dialético nos incita a revermos o passado à luz do que está acontecendo no presente. Tássia apresenta um relato que vai de encontro com o que diz Konder. Ela revela que, durante a sua formação em moda, não conseguiu encontrar estágios e empregos no ramo que havia escolhido e, só após o ocorrido, ao entender as estruturas racistas da sociedade, percebeu que o fato de não conseguir seguir sua carreira se deu por ser negra e ter o cabelo crespo. Essa reflexão de entender presente à luz do passado relaciona-se com as estruturas racistas da sociedade brasileira que foram construídas e mantidas durante séculos. As consequências ainda reverberam no povo de hoje, quando se percebe que a cor da pele e ou a textura do cabelo podem ter sido os motivos para o não pertencimento de uma mulher negra no mundo da moda.

Tássia conta ainda que após sua formação, decidiu voltar para Jacareí, sua cidade natal, no interior de São Paulo e investir na sua carreira enquanto cantora. Com esse processo de autoconhecimento, agora ela diz ouvir, em diversas situações, que suas músicas ajudam a curar, mas ela nunca pensou em fazer isso para os outros e sim para ela, para se curar. Entendo aqui, que quando alguém identifica nas letras de Tássia Reis um motivo para cura, elas enxergam seus problemas, que também foram enfrentados e sentidos pela rapper. Um sentimento pode permear toda uma comunidade e, ao ver e entender que outras pessoas passam pelo mesmo, o RAP aqui se define com o seu papel de manifestação, de mensagem e de movimento social.

A rapper finaliza a entrevista dizendo se sentir muito honrada em fazer parte dessa nova geração e ao mesmo tempo, sente uma grande responsabilidade. Para ela, esse movimento permitiu que muitas pessoas se enxergassem no outro, em um processo de identificação e admiração que antes, muitos não tiveram a oportunidade. Para ela, isso é um processo: “estamos conseguindo olhar na irmã, na prima e na amiga e dizer: você é foda. E isso é legal!”.

Nesta entrevista, o formato do vídeo passa a sensação de que Tássia Reis está conversando diretamente com quem está assistindo, em um bate-papo sobre sua vida e carreira. As confissões da rapper, sobre a dor ao perceber o racismo, o processo de desconstrução enquanto aos padrões impostos pela sociedade e a importância do movimento do hip-hop nesse processo mostra como o contexto social é muito marcante e determinante nas construções futuras. Para ela, os momentos difíceis foram como combustíveis para sair da zona de conforto, mas sem nunca deixar de apontá-los, para que não sejam esquecidos e repetidos. Segundo

Camargos (2015) “esse vínculo inescapável entre arte e vida, entre vida e sociedade, institui o RAP como parte das questões de seu tempo, como linguagem que evidencia práticas sociais, representações, sentimentos e ações inscritas na vivência social”. O hip-hop foi o que proporcionou uma formação política para a artista. O RAP é político desde sempre, afinal, o pessoal também é político⁴.

4.3 Entrevista Yzalú – Revista Trip

“A rapper Yzalú vai transformar toda treta em bossa”, trocadilho com o nome do álbum “Minha bossa é treta” é o título da entrevista com a cantora Yzalú publicada no dia 29 de fevereiro de 2016 no site da Revista Trip. Abaixo do título, os dizeres “cantora paulista está prestes a lançar seu primeiro disco – um grito furioso no combate ao machismo, ao racismo e ao preconceito contra pessoas com deficiência” já indica o tom sobre os temas abordados na entrevista.

Figura 3 - Foto apresentada no corpo da entrevista. Créditos: Rogério Fernandes



Fonte: Revista Trip

Diferentemente das duas entrevistas analisadas anteriormente, nesta o leitor é apresentado ao encontro entre a rapper e o jornalista Rafael Gonzaga em São Bernardo do

⁴ Expressão cunhada pela feminista Carol Hanisch na década de 1970.

Campo. Detalhes sobre a casa, a mãe que a chama pelo nome de batismo, e as referências que influenciaram a rapper durante sua trajetória e na concepção de seu disco são pequenos detalhes que possibilitam ao leitor se sentir mais próximo à artista.

A entrevista antecede ao lançamento do álbum “Minha bossa é treta”, que segundo a própria rapper é uma referência a sua vida enquanto “mulher negra, moradora de periferia, filtrada pelo violão, que a acompanha no mundo do rap desde cedo”.

Yzalú conta sobre suas referências musicais do MPB, a exemplo de Caetano Veloso e Gal Costa, sua relação com a música e com o violão, que foi sua porta de entrada para o mundo do RAP. Conta de sua trajetória desde cantar em barzinhos, conhecer pessoalmente a rapper Dina Di, uma das primeiras rappers brasileiras, a seu encontro com o grupo de RAP Essência Black do qual foi integrante durante anos.

Mas o ponto central da entrevista concentra-se na questão da representatividade que Yzalú apresenta enquanto mulher negra, rapper, periférica e deficiente.

Isso porque é através da música que a rapper vê possibilidades de mudança. Para ela, falar do próprio contexto é parte importante do processo de dar representatividade a uma parcela da sociedade historicamente silenciada. “Ser uma mulher negra da periferia é conviver com uma realidade onde existe uma linha que já está traçada e que você tem que desviar. Ou seja, se você de fato quer revolucionar sua própria vida, precisa traçar outro caminho. Hoje, a arte permite que problemas sociais sejam discutidos e colocados em pauta, o que vejo como uma solução. É um lance de uma menina preta de 5 anos ver a mãe escutando *Mulheres Negras*, ouvir também e já desenvolver uma consciência que ninguém mais vai tirar dela”, avalia. (GONZAGA, 2016, s.p.)

Yzalú é uma mulher preta e deficiente e a entrevista aborda a importância da capa de seu álbum, onde a rapper aparece seminua, coberta por seu violão e com a sua prótese na perna em evidência. Yzalú explica que sua deficiência é congênita, ou seja, desde criança e que, mesmo que os casos de pessoas com deficiência representam um montante de 25%⁵ da população, ainda existe uma ideia de que não se pode ter orgulho de quem se é. Para Yzalú, a prótese em evidência na capa do álbum é apenas um detalhe, assim como é em sua vida, mas entende a importância que sua escolha de não esconder sua deficiência tem. Para ela “a capa acaba tendo essa simbologia de empoderar”. E enfatiza que o movimento em busca de representatividade atingiu um patamar que não tem mais volta, em suas palavras “a gente está aqui para pegar o que é nosso também”.

⁵ Segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística (IBGE) realizado em 2010, mais de 45,6 milhões de brasileiros possui algum tipo de deficiência. Esse montante representa 23,9% da população brasileira.

Ao apresentar a entrevista em texto corrido, com detalhes sobre o encontro, o jornalista propicia um sentimento de intimidade com a rapper. Em 9 parágrafos, faz um resgate da história, de forma que é possível observar o processo e os entendimentos que culminaram na produção do primeiro álbum da artista. A entrevista foi realizada apenas uma semana antes do lançamento do álbum “Minha Bossa é Treta” é o único questionamento sobre a pauta em questão centrou-se na decisão em posar para a capa com a prótese a mostra. Não seria pertinente apresentar algum detalhe sobre o álbum que estava por vir? Nesta e nas outras duas entrevistas, é perceptível a falta de curiosidade ou interesse dos jornalistas sobre o produto final das artistas. Com esse breve caminhar na história da rapper, seria de esperar poder entender como as referências foram moldadas em sua arte.

Até aqui, foram analisadas as três reportagens publicadas na plataforma online da Revista Trip. A seguir, são analisadas as três reportagens de sites de notícias, que apresenta um viés amplo quanto a linha editorial, publicações e posicionamentos dos jornalistas. Serão duas entrevistas realizadas pelo Estado de São Paulo e uma no site do Portal R7.

4.4 Entrevista Karol Conka – Estadão

Em 23 de outubro de 2017, o site do Estadão publicou uma entrevista com a rapper Karol Conka intitulada “Hoje as adolescentes têm quem as defenda, diz Karol Conka”. Após a foto de abertura da entrevista, o leitor é apresentado à alguns assuntos que serão discutidos, como machismo e assédios em transporte público. Nos dois parágrafos iniciais, a entrevistadora apresenta um pouco do histórico de Conka contra o machismo, como desde cedo aprendeu com a avó que “homem desrespeitoso se trata na porrada” e qual foi a reação da rapper em uma das situações em que foi assediada dentro do transporte público, fazendo uma relação com as histórias que tomaram a mídia, sobre uma onda de assédios no transporte público em São Paulo.

Em seguida, o assunto muda para a questão do empoderamento e da representatividade, onde Conka diz receber mensagens de muitos professores que utilizam sua música para levar informações e que, com mais artistas que as representam, as adolescentes têm mais argumentos para se defender.

A primeira pergunta é sobre preconceito [mesmo a entrevistadora não utilizando o conceito, a pergunta é sobre racismo] citando o caso que Karol Conka já disse ter tentado descolorir a pele com água sanitária. Conka conta que a primeira vez que se sentiu uma “aberração” foi aos 6 anos de idade quando as professoras de uma creche disseram que o seu

cabelo parecia um “sol espetado”, e todos riram da situação, ela inclusive, por não entender a conotação. Só percebeu o caso de racismo quando seus pais conversaram com ela e explicaram que tiraram sarro por ela ser negra. A partir dessa conversa, ficou mais atenta e passou a identificar os diversos ataques racistas vindo de toda parte, inclusive de professores.

Figura 4 - Foto apresentada no corpo da entrevista. Créditos: Silvana Garzaro e Estadão



Fonte: Estadão

Em seguida, Karol Conka é questionada se ela se sente um exemplo de mulher bonita, onde ela responde que se considerada uma referência não só para mulheres negras, como para as brancas e até homens. Diz que essa representação é legal, e que o sentimento de representar quem não tem voz sempre esteve dentro dela. Por isso, em um dos clipes, fez questão de chamar uma ruiva, “japa”, negra, gorda, trans e uma anã, para representar diversos grupos.

“Sente que as mulheres têm avançado na luta por igualdade de direitos?” Conka responde que é muito otimista e que vê melhoras. Atribui isso ao fato de as adolescentes de agora ter mais artistas que as representam, que a Tv e os comerciais estão dizendo “uma verdade” para as pessoas e as marcas estão passando a olhar para as lutas das mulheres.

As quatro perguntas seguintes são sobre o episódio em que o homem ejaculou na roupa de uma mulher dentro de um ônibus, sendo absolvido por um juiz que alegou não haver constrangimento e como foram as reações de Karol Conka frente a casos de assédio que

ocorreram com ela. Não iremos discorrer mais sobre essas questões, que por fato são muito pertinentes, mas que àquela época estavam em evidência, provocando um agendamento do tema na mídia.

Questionada sobre como sua educação, a rapper relata que desde cedo sua mãe lia muito para ela e que a ensinou que é preciso saber falar e se posicionar, ou não é levado a sério. O preconceito e o machismo no RAP são os assuntos da pergunta a seguir, onde a rapper relembra seu primeiro contato com o mundo do hip-hop. Conka relembra que foi para uma festa no centro de Curitiba, sem conhecer ninguém, mas queria conhecer o que era o movimento do hip-hop de verdade. Ao adentrar o local, sentia olhares de reprovação do público, em especial das mulheres, pois ela “vestia saia, sapatinho, arrumadinha, e naquela época não podia ser assim”. Conka diz que nunca quis se vestir como “mano” e naquela época, essa decisão gerou alguns problemas. Continuando no assunto, a jornalista questiona se as atitudes machistas estão mais enraizadas em algumas mulheres do que homens, do qual a rapper concorda, pois segundo ela, as mulheres são mais afetadas pelo machismo e que por isso, acredita que as mulheres têm pelo menos 1% de comportamento machista. Karol relembra também que àquela época, por não se vestir como “mano” e sempre gostar de performar sua feminilidade, era constantemente chamada de “vagabunda”.

A artista é questionada se mesmo se blindando contra essas ofensivas e se negando a envolver amorosamente com pessoas que integram a cena do RAP, sofreu algum abuso. A rapper conta, pela primeira vez, uma situação de anos atrás, com um grupo para qual ela abria os shows. Karol relata que dormiu na sala da casa de um dos integrantes do grupo e no meio da noite ela passou a mão nela. Assustada, ficou acordada a noite toda esperando pelo amanhecer. No dia seguinte, o homem que a assediou disse que se ela contasse o ocorrido, ninguém acreditaria e ela não poderia mais cantar com o grupo. Após o ocorrido, a rapper abandonou o grupo.

Conka é questionada sobre um assunto que, segundo a entrevistadora, “deixou as feministas de cabelo em pé”, referindo-se à um momento em que Conka disse só ser a favor do aborto em casos de estupro. A rapper conta que se posicionou errado no dia e a entrevista foi “um pouco editada”, mas que ainda existem mulheres com o pensamento de que em qualquer caso de gravidez, é só abortar, o que ela discorda totalmente. Para ela, o aborto é uma questão de saúde pública.

Maternidade é o assunto das últimas perguntas da entrevista. Sobre ser mãe cedo, Karol Conka conta que sofreu muito preconceito, que teve depressão pós-parto e foi muito julgada por não querer ficar com o pai do filho dela. Relata ter sentido muita pressão em ser mãe e

artista, por ser constantemente questionada em como seguiria com sua vida e sendo apontada como a única errada pela gravidez, inclusive pela família do ex companheiro. Para superar essa fase, iniciou uma autoanálise, onde pode perceber que ter o seu filho era maravilhoso, e que neste período, escrever poemas a ajudou. Nesta época, percebeu que um artista não é valorizado por seu processo criativo, “só é valorizado quando ganha dinheiro e aparece na TV”.

É perceptível que novamente a abordagem das entrevistas centra-se em questões de gênero e raciais, colocando o trabalho da artista em segundo plano ao não relacionar essas questões com seu trabalho. Não precisaria ser assim. As músicas de Karol Conka abordam questões de gêneros e raciais pois são diretamente ligadas à artista e, caso não seja claro nas letras, a conotação sempre foi exposta em shows e entrevistas. Observa-se uma abordagem muito engessada por parte dos entrevistadores, pois a arte e a artista estão intrinsecamente ligadas. A exemplo, Conka cita em uma resposta que diversos professores entram em contato para dizer que utilizam suas músicas para levar informação a seus alunos. A entrevistadora não instiga essa resposta. Que tipo de informação tais professores observam e em qual contexto são apresentadas a seus alunos?

Na abertura da reportagem o leitor é apresentado à artista como “uma das principais porta-vozes da “geração tombamento”, movimento que valoriza os negros através da música, estética e cultura” mas o que se avalia é uma tendência para debates acerca da estética, desde os casos de racismo na infância até o momento presente, onde Conka tornou-se apresentadora do programa “Super Bonita” do canal GNT sem apresentar de que forma a artista explicita e se configura como uma porta-voz da “geração tombamento”.

Em sua expressividade, sua musicalidade, sua oralidade, e na sua atenção rica, profunda e variada à fala; em suas inflexões para o vernacular e o local; em sua rica produção de contranarrativas; e, sobretudo, em seu uso metafórico do vocabulário musical, a cultura negra popular tem permitido trazer à tona, dentro de modos mistos e contraditórios, até da cultura popular mais comercial, os elementos de um discurso que é diferente - outras formas de vida, outras tradições de representação. (HALL, 2001, p. .154)

Em diversos momentos no material analisado a rapper é apresentada como alguém que luta pela valorização das mulheres e dos negros, partindo de uma concepção que a recepção e o entendimento de suas músicas são gerais, excluindo apresentações do trabalho, contextualizações, discussões e até questionamentos sobre a forma que tem sido apresentada. O movimento do empoderamento pela estética que tem ocorrido nos últimos anos foi uma importante ferramenta para jovens pretas e pretos, e é perceptível que a mídia teve participação

nesse movimento, mas ao priorizar uma discussão acerca da estética exclusivamente, a mídia tende a excluir uma parcela de leitores da narrativa. A música e a cultura negra, apresentada por esses artistas pretos que têm ocupado um lugar de destaque necessita de uma nova lente por parte da mídia. Avalia-se, então, uma abordagem fraca frente à gama de assuntos e oportunidades que se tem ao entrevistar uma mulher, preta, rapper e de sucesso.

4.5 Entrevista Tássia Reis – Estadão

Ainda no site do Estadão, em 20 de setembro de 2016 foi publicado uma reportagem intitulada “Tássia Reis lança o disco 'Outra Esfera' e levanta a bandeira contra o machismo e o preconceito”. Em sete parágrafos, o jornalista conta um pouco da trajetória da rapper e de sua importância no cenário do RAP.

Figura 5 - Foto apresentada no corpo da entrevista. Créditos: Gabriela Biló e Estadão



Fonte: Estadão

A reportagem inicia-se em um estilo narrativo mostrando que por trás do estilo doce, meigo e toda a sutileza vista em Tássia Reis, pulsa uma mulher vigorosa que usa sua arte para combater o machismo e o racismo, entrelaçando falas da rapper com a intenção de comprovar esse viés, como em “o racismo não me deixou ter um estágio na época da faculdade, por

exemplo. Quando me dei conta de que estava à margem da sociedade, agarrei a oportunidade com unhas e dentes. Parei de ser enganada. Não estava tudo bem. E, desde então, me vi capaz de fazer alguma coisa para mudar.”

O segundo parágrafo é destinado a falar sobre o álbum “Outra Esfera” que a rapper acabara de lançar. Para o jornalista, “as sete faixas do álbum mostram uma artista heterogênea e consciente da sonoridade que é capaz de produzir”, seguindo com a descrição de algumas referências percebidas em algumas faixas do álbum, como a aproximação ao MPB e o Samba em “Não se avexe não”. Em seguida, o leitor é apresentado às referências musicais que a rapper teve desde sua infância, em uma citação direta. Tássia conta que em sua infância, escutava o que seus pais gostavam, como Clara Nunes e Fundo de Quintal. Foi na sua adolescência, quando teve seu primeiro contato com o hip-hop que passou a escolher o que ouvia.

No terceiro parágrafo da reportagem, o jornalista conta ao leitor como foi o primeiro contato da rapper com a composição musical. Logo após concluir o Ensino Médio, Tássia Reis participou de uma oficina de redação, que era ofertada na periferia de sua cidade natal. Lá, aprendeu a escrever seus poemas. No aniversário de uma professora, Tássia a presenteou com um poema e foi nesse dia que ouviu que “aquelas palavras tinham ritmo, que aquilo, na verdade, era música”. Tássia conta que tempos depois começou a escrever com mais regularidade e que, apesar de não ser musicista e nunca ter aprendido a tocar um instrumento, percebeu que era capaz de criar textos com melodias. A seguir, o jornalista explora a parceria de Tássia Reis e a cantora transexual Liniker, na faixa “BoxOkê”, do álbum Remonta, lançado em 2016 pela cantora Liniker.

Revolução Crespa, em negrito, aponta o assunto que é considerado o destaque das músicas da rapper, o empoderamento feminino, reforçando que “suas músicas falam abertamente sobre o controle do corpo da mulher negra e do machismo enfrentado por elas diariamente.”

Para o fechamento da reportagem, as falas de Tássia Reis sobre o machismo e o empoderamento feminino estão em destaque. Segundo a rapper,

O machismo está dentro do próprio rap, se você quer saber. De todas as formas possíveis. Cite ao menos cinco rappers que você costuma ouvir? Eu aposto que são todos homens. Não vem mulher na sua cabeça e isso não significa que elas não existam no mundo do hip-hop. Elas estão em posição secundária e nunca vão ocupar o grupo da elite porque o sistema não permite que isso aconteça. (CARVALHO, 2016, s.p)

Como exemplo, Tássia cita o line-up dos festivais de RAP, que se configuram pela predominância de artistas homens. Para ela, a mulher precisa sempre provar que é capaz de

estar nesses espaços. Sobre a situação, enfatiza que só dirá que o cenário está quando ela tiver as mesmas possibilidades de um homem e “isso, infelizmente, está muito longe de acontecer”.

A reportagem de João Paulo Carvalho para o Estadão segue por uma abordagem diferente das anteriores, contemplando aspectos importantes da história de Tássia Reis, em constante harmonia com o Método Dialético, que considera a historicidade como fator fundamental para se entender o presente.

Tássia diz ao entrevistador que retrata as coisas que vê, vive e sente. Se considerarmos as estruturas e abordagens encontradas nas entrevistas anteriores, esta frase seria de difícil compreensão. O leitor não teria uma contextualização e viveria com a impossibilidade de sequer se imaginar no lugar da cantora para compreender o que ela vê, vive ou sente. Mas, ao apresentar a história da artista e, mesmo que brevemente, mostrar suas referências musicais, o contato com o hip-hop e o despertar para a música, o jornalista joga luz às discussões que são realizadas pela rapper em suas músicas. A exemplo, em um trecho, o jornalista diz que suas músicas “exibe sua versatilidade com beats leves e psicodélicos. Já *Se Avexe Não* aproxima a rapper da MPB”. Em um primeiro momento, essa mistura de ritmos poderia ser encarada com desconfiança, já que não é comum estarem presentes no RAP. Mas ao trazer as referências que a rapper teve contato em sua infância, como Clara Nunes e Fundo de Quintal, torna-se compreensivo a sua mistura de ritmos pois eles sempre estiveram presentes em sua vida.

Cabe ressaltar que o machismo no RAP foi uma pauta em comum nas seis entrevistas analisadas nesta pesquisa. Na reportagem do Estadão, o leitor é defrontado com um exemplo prática, citado pela própria artista quando convida a fazer uma reflexão sobre os cinco rappers preferidos, ou em explicar a configuração de festivais de músicas que são dominados por artistas homens.

Ao dizer “existe o machismo e o racismo. Os recortes estão ali o tempo inteiro e mudam o enredo da história”, a rapper coloca sua história enquanto mulher e preta em evidência. E ao apresentar o contexto no qual a artista é inserida, o jornalista permite um entendimento de qual local a rapper fala.

4.6 Entrevista Yzalú – Portal R7

Em 29 de fevereiro de 2016, o Portal R7 publicou uma entrevista com a rapper Yzalú com o título “Cantora Yzalú lança disco de rap com influência da MPB”. O abre da reportagem fala da voz “delicada e afinadíssima que combina perfeitamente com as letras de protesto e

rimas contundentes do álbum”, seguido de um breve histórico sobre o início da carreira tocando raps em seu violão em bares de sua cidade natal e de suas participações em trabalhos de outros rappers, como a parceria com o Eduardo, ex integrante do grupo Facção Central) e o grupo Detentos do Rap.

Figura 6 - Foto apresentada no corpo da entrevista. Créditos: Rogério Fernandes



Fonte: Portal R7

Para o jornalista, o álbum “Minha bossa é treta” de produção do Marcelo Sanches tem como ponto forte “a variedade de estilos e a criatividade que Yzalú impõe na sua música, sem perder o engajamento do hip-hop”. Antes de iniciar a entrevista, o leitor é informado da região onde Yzalú cresceu, as referências para a capa do álbum e sobre sua deficiência congênita.

Yzalú é questionada sobre o início de sua carreira, que brevemente responde que foi nos anos 2000, cantando em bares. Diferentemente de todas as outras entrevistas e ou reportagens lidas e analisadas, o jornalista traz à tona uma outra vertente da vida da rapper: O que você fazia antes [da música]? A cantora relata que sempre trabalhou paralelamente à música, sendo que seu último trabalho foi de analista em uma empresa multinacional.

Outro ponto importante da entrevista concentra-se nas referências musicais e familiares que Yzalú teve contato. Ela conta que seu irmão, Hugo, a acompanhava cantando enquanto ela tocava. E que, desde pequena, sempre teve muito contato com a cultura negra através de seus pais. Yzalú conta que, na década de 1980, seu pai era proprietário de um salão de beleza especializado em estética negra e promovia desfiles nos concursos nos bailes *blacks*, como a Chic Show. A mãe capoeira também era modelo nos bailes *blacks*. Para a rapper, ao olhar para trás, consegue perceber que esses fatores influenciaram no que ela faz atualmente.

Sobre a proposta do álbum, Yzalú enfatiza que é uma realização pessoal, mas para além disso se propõe a discutir temas importantes como a revista vexatória nos presídios brasileiros e também sobre amor. A rapper conta que apenas quatro músicas de seu álbum foram feitas em parcerias, sendo ela a compositora do restante. Sobre o violão que a acompanha há muito tempo, Yzalú relembra que aos 15 anos juntou dinheiro para comprar seu primeiro violão e desde essa época, a acompanha.

Como a própria rapper já disse, ela tem algumas referências da cultura negra e do hip-hop. Quando questionada sobre essas influências cita o grupo Essência Black, do qual ela fez parte, Lauryn Hill, Dina Di, Karol RC, Thaíde, Racionais, Sabotage, Eduardo e Dexter. Já da *black music*, Elza Soares, Erykah Badu, Sandra de Sá, Paula Lima, foram os nomes elencados enquanto referência.

As perguntas a seguir aborda sobre participações. Para o álbum *minha bossa é treta*, ela cita duas participações, a do rapper Pzrado, que também é residente de São Bernardo do Campo e de Mariel Reis, poeta carioca. E na outra via, relembra suas participações em projetos que mais marcaram sua carreira, sendo elas a participação no DVD do grupo Detentos do Rap e o projeto Divas do Hip-Hop, além de comentar sua relação com Eduardo, ex membro do Fação Central, autor da letra “Mulheres Negras” interpretado pela rapper.

Um tema comum em todas as entrevistas analisadas é a presença da mulher no RAP. Nesta entrevista, Yzalú diz acreditar que o espaço tem aumentado, principalmente por causa de nomes como Dina Di, Negra Li, Rúbia RPW, Cris SNJ, Sharylaine, que iniciaram a discussão sobre a mulher no RAP. Atualmente, mulheres como Tássia Reis, Preta Rara e Tati Botelho assumem essa discussão e mostram que

[...] a cena é crescente, e como o rap é uma linguagem universal, seria inevitável que outras realidades fossem relatadas, passamos da fase de preencher refrões apenas, não tem mais como fugir, a mulher é uma realidade no rap e quanto mais nomes surgirem melhor para a cena, assim, o rap fica cada vez mais forte, como uma corrente difícil de quebrar. (GUIMARÃES, 2016, s.p)

No encerramento da entrevista, o jornalista pergunta sobre o conceito da capa do álbum “*Minha bossa é treta*” é questionada “como perdeu a perna?”. Uma foto dos anos de 1970 de Gal Costa, onde aparece nua com um violão foi a principal referência, combinada com a proposta de ser uma foto “vintage” que remetesse a uma “bossa nova, uma bossa marginal”. A rapper enfatiza, assim como na entrevista da Revista Trip, analisada anteriormente, que estampar sua “limitação física” foi apenas um detalhe. Detalhe que expõe a realidade dela e de grande parte da população, em uma forma de empoderamento, de desconstruir paradigmas

e o padrão imposto pelo mercado. Yzalú finaliza a entrevista explicando que sua deficiência é congênita, ou seja, usa prótese desde nascença.

A entrevista realizada pelo portal R7 também apresenta uma abordagem que se diferencia do que foi observado nas quatro primeiras entrevistas. Assuntos em comum podem ser observados nesta entrevista, como a escolha em aparecer nua na capa do álbum, o começo na música, a deficiência da artista e a presença da mulher no RAP. Outros aspectos foram encontrados pela primeira vez entre as reportagens analisadas, como as participações no álbum “Minha bossa é treta”, as influências fora do hip-hop, o histórico musical de sua família e a possibilidade de uma carreira paralela.

Ao perguntar sobre as referências que a levaram a cantar, Yzalú relata que tudo começou em família, no ambiente em que convivia. Conta sobre o mundo dos bailes *blacks* da qual sua família participava, do ambiente e das representações que a cercavam quando criança graças ao salão especializado em cabelo afro que seu pai era proprietário. Todas essas influências construíram a artista do presente, fator reconhecido pela própria Yzalú. Tal constatação dialoga diretamente com o levantamento bibliográfico uma vez que,

A cultura popular carrega esta ressonância afirmativa por causa da proeminência da palavra "popular". E, em certo sentido, a cultura popular tem sempre sua base em experiências, prazeres, memórias e tradições do povo. Ela se conecta a expectativas e aspirações locais, tragédias locais e cenários locais que são práticas e experiências cotidianas de pessoas comuns. (HALL, 2001, P.152)

Os conectivos das diferenças vivências e realidades permitem um cenário plural, mas que se interliga nas principais discussões, como por exemplo, o machismo no RAP, o racismo e sub representatividade. Considerando esses aspectos, torna-se possível analisar e formular proposições para novas formas de abordagem de tais assuntos, seja no RAP ou em outro gênero musical. O debate precisa se aprofundar para que o posicionamento da mídia e de seus consumidores não se tornem rasos. A representatividade não pode ser proferida como um kit mágico e instantâneo, ela é também um processo histórico.

Outro ponto importante nesta entrevista se dá na abertura para que o leitor possa entender não só as referências das quais a rapper teve contato em sua infância, mas nas construções atuais que se deram por meio de participações em outros projetos de RAP e, principalmente, daqueles que contribuíram com o projeto dela. Esse entrelace dos assuntos permite uma concepção prévia para aquela ou aquele que irá ouvir o álbum e entender, por exemplo, porque Yzalú decidiu falar sobre as revistas vexatórias realizadas nos presídios brasileiros.

Cabe ressaltar que os dados analisados dialogam novamente com a revisão bibliográfica, uma vez que para Konder (1981) uma das características essenciais da dialética é o espírito crítico e autocrítico. Essa crítica e autocrítica deveria ser considerada por todos os agentes da sociedade. Ao desconsiderar diversos aspectos importantes da vida das rappers em preterimento da questão estética e do empoderamento, a mídia brasileira tem reforçado um estereótipo que não se sustentará por muito tempo. Afinal, toda discussão presente está baseada no contexto do qual os sujeitos vieram. Assim, com os dados coletados e que viabilizaram as análises, foi possível observar um padrão seguido pela mídia ao representar as mulheres pretas e rappers sem contemplar a riqueza dos sujeitos representados. Ao excluir suas obras e reforçar a questão estética, a mídia brasileira reforça uma problemática no campo da representação que não atende as subjetividades inerentes aos diferentes temas contemporâneos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou analisar a representação das rappers Karol Conka, Tássia Reis e Yzalú na mídia. Partindo do entendimento das diferenças explícitas entre as três rappers, como o tom de pele, o corpo, e o estilo que adotaram dentro do RAP, a problematização central do trabalho buscava responder se a representação dessas rappers pretas na mídia é condizente com seus discursos.

Para a análise desta pesquisa foi de fundamental importância o entendimento do processo histórico, seja do RAP e do movimento do hip-hop, das lutas pela emancipação feminina e contra o racismo e do contexto do qual cada artista surgiu. Neste processo, o Método Dialético cumpre um papel determinante para que se compreenda a representação das mulheres pretas e rappers na mídia.

A partir da análise realizada, observou-se que a representação das mulheres pretas carece de uma abordagem diferente. Nas entrevistas, as mulheres são as responsáveis por falar, incansavelmente, sobre o machismo e o racismo da sociedade, que reflete no movimento hip-hop e no RAP. As situações de racismos pelas quais passaram na infância e na adolescência são questionados à exaustão, sem, em qualquer momento, promover uma reflexão sobre questões básicas, como o fato de que discriminação por raça é considerada crime no Brasil. Nestas entrevistas, o leitor é apresentado a questões como “empoderamento” e “revolução feminista” de forma que leva a entender que esses movimentos são recentes, desconsiderando, novamente, a história das lutas.

Com base na análise também foi possível constatar que, mesmo sendo consideradas expoentes do movimento, cada uma à sua maneira, Karol Conka, Tássia Reis e Yzalú estão em destaque, principalmente, por seus atos ligados à estética. Em quatro das seis reportagens analisadas, alguns aspectos da vida das artistas foram os destaques, enquanto suas produções artísticas não são consideradas. O que avaliamos como um grande equívoco da mídia ao abordar tais mulheres. Quando entrevistados, os artistas negros são questionados sobre paternidade, sexualidade, racismo e machismo? Eles aceitariam que suas vidas pessoais fossem o destaque ao invés de sua arte? Neste campo, consideramos que o equívoco é realizado por parte da mídia. Essas mulheres estão galgando seus espaços e precisam se provar diariamente. Seria papel da mídia ofertar um novo olhar para suas obras.

Ressaltamos que nas entrevistas analisadas, em nenhum momento as músicas das rappers são apresentadas, nem como sugestão, ou disponibilização de um link para ouvir

depois. As seis entrevistas analisadas abordam questões sobre a presença da mulher no RAP, machismo e racismo, mas não são capazes de relacionar as respostas das rappers com suas próprias produções musicais. Também é possível concluir que a mídia parte do princípio de que todo leitor está em um mesmo nível de conhecimento acerca das artistas e em um mesmo nível de entendimento sobre as discussões sobre empoderamento, sexualidade, machismo e racismo.

Os resultados obtidos nesta pesquisa apontam uma homogeneidade na abordagem sobre as três rappers. Sendo elas de locais, idades e tons de pele diferentes, sendo elas criadas em contextos múltiplos, é preocupante observar uma mesma abordagem da mídia para três mulheres tão diferentes. Negro não é uma categoria, muito menos homogênea.

Neste sentido, se faz necessário uma abordagem que avalie experiências individuais e só depois trace o paralelo com os pontos de convergência de suas histórias. É preciso que a mídia escolha outro caminho em questões referentes a representação destas mulheres.

Como abordado anteriormente, as questões racistas e machistas relatadas por essas mulheres no mundo do RAP são reflexos da sociedade brasileira. Com a proposta de uma abordagem aprofundada sobre essas temáticas, sem ignorar o histórico, será possível um melhor entendimento sobre a condição da mulher, preta e rapper no Brasil. Sendo assim, propõe-se uma abordagem baseada na dialética para compreensão do papel dessas mulheres na sociedade brasileira.

A proposta desta pesquisa nunca se concentrou em um resultado final, em algo conclusivo, mas sim em avaliar o contexto, as histórias e as contradições a partir do que pode ser observado pela perspectiva oferecida pelo Método Dialético. No processo desta análise, as artistas Karol Conka e Tássia Reis lançaram novas produções. Em 8 de novembro de 2018, Conka lançou seu álbum “Ambulante”, cinco anos após o “Batuk Freak”. Em 10 de novembro do mesmo ano, Tássia Reis lançou o single e videoclipe de “Shonda”. Algumas análises e críticas sobre as novas produções já circulam na mídia e, a partir deste ponto, acredita-se na possibilidade que pesquisas futuras possam avaliar se haverá uma mudança no posicionamento das artistas e, principalmente, em como a mídia representa as rappers pretas.

REFERÊNCIAS

BOCK, L. Girl Crush: Karol Conka e Maria Ribeiro. **TRIP**. TPM#171. 2016. Disponível em <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/karol-conka-e-maria-ribeiro-monogamia-racismo-filhos-e-antidepressivos>. Acesso em 03 de out de 2018.

BORGES, L. A. **NAS PERIFERIAS DO GÊNERO: Uma mirada negra e feminista sobre a experiência de mulheres negras jovens participantes no Hip Hop e no Funk**. Belo Horizonte 2013. Dissertação (Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas). Universidade Federal de Minas Gerais.

BRÊDA, L. É o poder. **Rolling Stone**. Edição 127. 2017. Disponível em <https://rollingstone.uol.com.br/edicao/edicao-127/karol-conka-e-o-poder/>. Acesso em 25 de out de 2018.

CAMARGOS, R. **Rap e política: percepções da vida social Brasileira**. – 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

CARNEIRO, S. Projeto Rappers - Memória Institucional de Geledés, **Geledés Instituto da mulher negra**. 2009. Disponível em <https://www.geledes.org.br/projeto-rappers/>. Acesso em 20 de set de 2018.

CARVALHO, J.P. Tássia Reis lança o disco ‘Outra Esfera’ e levanta a bandeira contra o machismo e o preconceito. **Estadão**. 20/09/2016. Disponível em <https://cultura.estadao.com.br/noticias/musica,tassia-reis-lanca-o-disco-outra-esfera-e-levanta-a-bandeira-contr-o-machismo-e-o-preconceito,10000077025>. Acesso em 10 de out de 2018.

CONKA, K. Tombei. **Letras**. 2015. Disponível em <https://www.lettras.mus.br/karol-conka/tombel/>. Acesso em 15 de set de 2018.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.

GONZAGA, R. A rapper Yzalú vai transformar toda treta em bossa. **TRIP**. TPM. 2016. Disponível em <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/rapper-yzalu-machismo-racismo-preconceito-com-deficientes> Acesso em 03 de out de 2018.

GUIMARÃES, J. Cantora Yzalú lança disco de rap com influência da MPB. **R7 Música**. 29/02/2016. Disponível em <https://diversao.r7.com/pop/musica/cantora-yzalu-lanca-disco-de-rap-com-influencia-da-mpb-13062017>. Acesso em 10 de out de 2018.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Liv Sovikv(orgs); Tradução de Adelaide La Guardia Resende et al. Belo Horizonte, MG: Editora: UFMG. 2006a. Original inglês.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006b. Tradução de The question of cultural identity.

HALL, S. Que “negro” é esse na cultura popular negra?. **Lugar Comum** n.13/14, p.147-1, 2001.

KONDER, L. **O que é a dialética**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

LIMA, M. S. de. **Rap de batom: família, educação e gênero no universo rap**. 2005. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de pós-graduação em Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo, 2005.

MATSUNGA, P.S. **Mulheres no hip hop: Identidades e representações**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Campinas, SP, 2006.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2013.

PUGLIESI, A. Hoje, adolescentes negras têm quem as defenda, diz Karol Conka. **Biblioteca Pública do Paraná**. 2014. Disponível em <http://www.bpp.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=520>. Acesso em 20 de nov de 2018.

RACY, S. Hoje, adolescentes negras têm quem as defenda, diz Karol Conka. **Estadão**. 23/10/2017. Disponível em <https://cultura.estadao.com.br/blogs/direto-da-fonte/hoje-adolescentes-negras-tem-quem-as-defenda-diz-karol-konka/>. Acesso em 10 de out de 2018.

R,R. Revista R entrevista Yzalu, **Youtube**. 2015. (4m56s). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=SbcnsC-7csU>. Acesso em 12 de set de 2018.

REIS, T. Ouça-me. **Letras**. 2016. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/karol-conka/tombe/>. Acesso em: 15 de set de 2018.

SILVA, J. G. da. **Rap na cidade de São Paulo, Juventude Negra, Música e Segregação Urbana (1984-1998)**. Uberlândia: EDUFU, 2015.

TADDEO, E. **Mulheres Negras**, 2012. Disponível em <https://www.lettras.mus.br/yzalu/mulheres-negras/>. Acesso em 15 de set de 2018.

TÁSSIA Rainha. **TRIP. TPM**. 2017. Disponível em <https://revistatrip.uol.com.br/trip-tv/tassia-reis-rap-empoderamento-feminino-musica>. Acesso em: 03 de out de 2018.

SANGION, J. UNICAMP. Unicamp divulga lista de obras de leitura obrigatória para o vestibular de 2020. **Unicamp**. 2018. Disponível em <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2018/05/24/unicamp-divulga-lista-de-obras-de-leitura-obrigatoria-para-o-vestibular-2020>. Acesso em 20 de nov de 2018.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação**. 10. ed. Lisboa: Editora Presença, 2009.

ANEXOS

GIRL [L] [S] [E] [P] CRUSH: KAROL CONKA E MARIA RIBEIRO

TPM / MATERNIDADE / TELEVISÃO / RELACIONAMENTO / HIP HOP / CASAMENTO

Karol Conka e Maria Ribeiro se unem num tête-à-tête que vai de monogamia a racismo, passando por filhos e antidepressivos

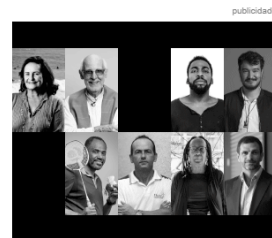


POR LIA BOCK 25.12.2016 TPM #171



Uma nasceu na periferia de Curitiba e, para o desespero da mãe, sonhava com o sucesso e com o dia em que se curvaria diante dos aplausos. A outra nasceu na alta-roda carioca e, desviando do caminho mais simples, se tornou uma intelectual, que posa pelada e brada tanto seu feminismo, como seu consumismo na TV. Uma escutava que pobre não fica famoso. A outra escutava que quem é culto não pode ser vaidoso. Dois extremos que dizem muito sobre ser mulher hoje. Dizem muito sobre não se encaixar nas expectativas alheias e usar o

Fonte: TRIP, 2016.



NAS BANCAS

ASSINE

TÁSSIA REIS, RAINHA

TRIP TV / RAP / NEGRITUDE / MÚSICA / RACISMO

Importante nome do rap nacional, para a cantora "empoderamento não é um copo que a gente bebe e ponto"



POR REDAÇÃO 10.03.2017

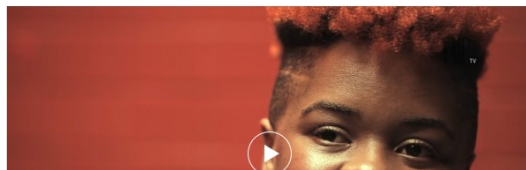


INSCREVA-SE EM NOSSO CANAL: youtube.com/trip

Foi apresentando uma professora com um de seus poemas que, ainda adolescente, Tássia Reis ouviu pela primeira vez que estava na verdade fazendo música.

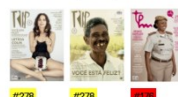
Aos 27 anos, a cantora do interior de São Paulo começou a escrever para contar a sua própria história. Logo percebeu que sua voz representava várias outras pessoas com vivências semelhantes.

ASSISTA:



NAS BANCAS

ASSINE



TRIP TV



Fonte: TRIP, 2017.

A RAPPER YZALÚ VAI TRANSFORMAR TODA TRETA EM BOSSA

TRIP / RAP / MÚSICA / DIVERSIDADE / FEMINISMO

Cantora paulista está prestes a lançar seu primeiro disco – um grito furioso no combate ao machismo, ao racismo e ao preconceito contra pessoas com deficiência



POR RAFAEL GONZAGA 29.02.2016



Yzalú já me esperava atenta no portão da residência onde vive com a mãe em São Bernardo do Campo, no ABC Paulista. "Vem conhecer minha casa", convidou a rapper, enquanto mostrava a área da churrasqueira onde acontecem as festas de família e a vista para o morro no qual brincava com os primos na infância. Quando foi à cozinha buscar água, a mãe sentada na sala com um livro no colo gritou: "Luiza, traz para mim também" e logo em seguida se justificou, enquanto a filha retornava sorridente: "Ela não usa, mas é o nome que eu dei, né?!". Yzalú, batizada Luiza Yara Lopes Silva, é uma mulher doce e simpática, mas não se engane: a bossa dela é treta. Aos 33 anos, 13 deles dedicados à carreira musical, a cantora se prepara para lançar no dia 8 de março seu primeiro disco, que atende pelo nome de *Minha Bossa É Treta*. E não podia ser diferente.

Segundo a cantora, o título do álbum é uma referência à sua própria realidade, de mulher negra moradora da periferia, filtrada pelo violão, que a acompanha no mundo do rap desde sempre. E o



CONHEÇA OS DEZ HOMENAGEADOS DE 2018

NAS BANCAS

ASSINE



Fonte: TRIP, 2016.

'Hoje, adolescentes negras têm quem as defenda', diz Karol Conka

Silvia Racy
22 Outubro 2017 | 09:00



KAROL CONKA. FOTO SILVANA GARZARO / ESTADÃO

Rapper conta sobre sua luta contra o machismo e diz que já foi abusada em óntus

Conhecida por sua luta pela igualdade dos gêneros e contra o preconceito, Karol Conka não tem meias palavras. E sem medo. Aprendeu com sua avó baiana que homem desrespeitoso se trata... na porrada. "Minha avó apasibou a vida inteira do meu avô. Ele só chorou quando foi espancado e torado na vala por ela." E foi mais ou menos isso que ela

SIGA O ESTADÃO

Cupons Estadão

Cupon Americanas Até 15% de desconto em Smartphones

Descontos Submarino Topo de moda com até 25% de desconto

Promoção Casas Bahia Até 20% de desconto em Smart TVs

Conheça todo o design da Volkswagen.

Fonte: Estadão, 2017.

Tássia Reis lança o disco 'Outra Esfera' e levanta a bandeira contra o machismo e o preconceito

Sutileza na fala esconde uma rapper de rimas duras e imponentes

João Paulo Carvalho, O Estado de S. Paulo
20 Setembro 2016 | 05:00

Por trás do jeito doce e meigo da rapper Tássia Reis esconde-se uma força sobrenatural. Quem ouve a jovem de 27 anos falar com tanta sutileza, mal sabe que dentro daquele semblante sereno pulsa uma mulher vigorosa, exigente e destinada a combater o machismo e o preconceito racial por intermédio de suas rimas pesadas. "Retrato coisas que vejo, vivo e sinto. Eu, como mulher negra, já vivenciei boa parte do que transmito em minhas músicas. O racismo não me deixou ter um estágio na época da faculdade, por exemplo. Quando me dei conta de que estava à margem da sociedade, agarrei a oportunidade com unhas e dentes. Parei de ser enganada. Não estava tudo bem. E, desde então, me vi capaz de fazer alguma coisa para mudar. Posso falar de amor, mas sei que o amor para uma jovem negra tem outra conotação. Existe o machismo e o racismo. Os recortes estão ali e tanto inteiro e mudam o enredo da história" diz em entrevista ao

SIGA O ESTADÃO

Cupons Estadão

Make your impact
Deloitte.

Fonte: Estadão, 2016.

Cantora Yzalú lança disco de rap com influência da MPB

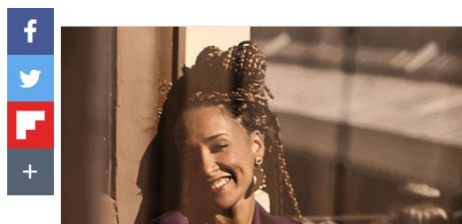
"Minha Bossa É Treta" é o primeiro álbum da cantora que está na cena independente desde 2000

MÚSICA

Juca Guimarães, do R7

0 29/02/2016 - 08h21 (Atualizado em 13/06/2017 - 20h56)

A- A+



A cantora Yzalú tem uma voz delicada e afinadíssima que combinam perfeitamente com as letras de protesto e rimas contundentes do álbum "Minha Bossa é

BLACK FRIDAY
ÓTICA
ÓCULOS
COM ATÉ
90% OFF
QUERO

Fonte: Portal R7, 2016.